

OS MONGES BENEDITINOS NO CEARÁ

Dom Joaquim G. de Luna, O. S. B.

I — A ORDEM DE SÃO BENTO E O BRASIL

A — VINDA DOS MONGES DE SÃO BENTO PARA O BRASIL E AS PRIMEIRAS FUNDAÇÕES (S. XVI)

Os Beneditinos estabeleceram-se definitivamente no Brasil em 1581. Naquele ano chegaram à cidade do Salvador oito monges de São Bento, chefiados pelo padre Frei Antônio Ventura, com o encargo de fundarem mosteiro na capital da Colônia portuguesa da América. O Abade Geral da Congregação Beneditina de Portugal, Frei Plácido de Vila-Lobos, os incumbira dessa missão, em cumprimento da determinação do Capítulo Geral da Congregação, que resolvera realizar essa fundação a fim de satisfazer aos reiterados pedidos dos habitantes da Baía. Já antes tinham estado no Brasil vários beneditinos, mas em missões temporárias e particulares, sobretudo de pregação evangélica.

Bem recebidos pelo Governador e pelo Povo, foram os monges coadjuvados na construção do primeiro cenóbio beneditino de toda a América por almas generosas e amigos dedicados, entre os quais Gabriel Soares, que lhes fizeram generosamente doações de terras e outros donativos para a construção do mosteiro e formação do seu património.

Grande impulso tomou desde logo essa fundação, de modo que três anos depois (1584) foi elevada a Abadia e o padre Frei Antônio Ventura eleito seu primeiro abade. Entretanto, espalhando-se pelas outras Capitâneas a fama da boa observância dos monges e o bem que faziam ao povo, choviam pedidos para outras fundações.

Olinda, a rica capital da Capitania de Pernambuco, e Rio de Janeiro, cidade sulista havia pouco fundada por Estácio de Sá, disputavam a primazia de ter dentro de seus muros os filhos de São Bento. É assim que o abade, Frei Antônio Ventura, por autorização do Capítulo Geral, logo que pôde dispor de pessoal mandou alguns monges para essas cidades, a fim de nelas fundarem mosteiro.

Ao Rio de Janeiro chegaram provavelmente em 1589 (1), onde foram bem recebidos pelo Governador e pelo povo; e a Olinda, em 1590 ou 1592 (2), sendo igualmente recebidos com demonstrações de regosijo. Em 1596 foram mandados também para a Paraíba alguns religiosos, com o encargo de fundarem mosteiro, e, em 1598, chegou à então vila de São Paulo o padre Frei Mauro Teixeira, a mandado do Dom Abade Provincial, com igual incumbência. Já antes, em 1589, dois monges haviam sido enviados ao Espírito Santo, com ordem de fazerem uma fundação nessa Capitania. Começada, porém, a construção do mosteiro em Vila-Velha, tiveram de abandoná-la anos depois, em vista da pobreza da terra e também, provavelmente, por escassez de monges, pois o Abade da Bahia necessitava de pessoal para, conforme desejo do Capítulo Geral da Congregação, atender aos muitos pedidos de fundações em outras Capitânicas, com perspectivas de futuro lisongeiro.

B — OS MOSTEIROS DO BRASIL CONSTITUIDOS EM PROVINCIA DEPENDENTE DA CONGREGAÇÃO BENEDITINA DE PORTUGAL

A Junta Capitular da Congregação Beneditina de Portugal, reunida em Agosto de 1596 na abadia de Pombeiros, determinou elevar os mosteiros do Rio de Janeiro e de Olinda à categoria de abadia e criar uma Província Beneditina no Brasil, compreendendo todos os mosteiros existentes na Colônia e os que futuramente aí viessem a ser fundados. A Província constituía parte integrante da Congregação e tinha no Brasil por cabeça a abadia da cidade do Salvador. As eleições ou nomeações para os cargos de importância dos mosteiros da Província eram feitas pelo Capítulo Geral da Congregação e só por três anos, conforme o teor das Bulas de Pio V, dos anos de 1566 e 1567, de reforma dos mosteiros de Portugal. Esta inovação foi introduzida em algumas Congregações da Ordem Beneditina à semelhança das ordens mendicantes, a fim de acabar com a instituição de abades comendatários que se havia, no decorrer dos tempos, introduzido nos mosteiros beneditinos, com grave prejuízo da disciplina monástica.

Em 1607 o mosteiro da Paraíba foi elevado a abadia, e o de São Paulo, em 1635 (3).

Contava a Província cinco abadias e tinha em perspectiva novas fundações quando, em 1624 e 1630, se deu a invasão holandesa no Brasil, verdadeira calamidade para os mosteiros beneditinos do Norte, sobretudo para os de Olinda e da

(1) É controvertida a data exacta da chegada dos monges ao Rio de Janeiro. O Dietário, crónica manuscrita antiga do Arquivo da Abadia, regista o ano de 1589. O Dietário do mosteiro da Baía assinala o ano de 1591. Outros, porém, querem que tenha sido em 1586 ou o mais tardar em 1590.

(2) Cfr. Crónica antiga do mosteiro de Olinda.

(3) O mosteiro da Paraíba foi em 1906 anexado à abadia de Olinda e em 1921 vendida à mitra metropolitana da cidade de João Pessoa.

Paraíba. Foram essas duas abadias saqueadas e grandemente danificadas pelo inimigo, a ponto de ficarem quase em ruínas. Os monges, compelidos a abandonar a cidade, tiveram durante todo o tempo da ocupação holandesa que vagar de um lugar para outro, sem residência estável, devido aos movimentos e aproximação do inimigo.

Ao voltarem às respectivas abadias, após a expulsão do invasor, tiveram os monges a triste surpresa de contemplar os grandes estragos dos seus mosteiros, construídos com enormes sacrifícios. A população, na maioria, antes abastada e feliz, achava-se agora, após tantos anos de guerra, com seus lares destruídos e extremamente empobrecida. As fazendas, que eram os celeiros dos mosteiros, estavam abandonadas, e os escravos, braços das suas lavouras, se achavam, em grande parte, foragidos.

Entretanto, apesar de tantas provações, os monges, formados na escola do sacrifício e da paciência cristã, não desanimaram. Confiados na Providência divina e na protecção do seu santo Patriarca, puseram mão à obra de restauração, e Deus abençoou-lhes os esforços. Aos poucos foram-se reconstruindo as muralhas e cobrindo os tectos dos mosteiros, nos quais puderam se instalar de novo e reassumir as suas actividades monásticas como dantes.

Os mosteiros do Sul foram mais felizes durante essa quadra de provações. Sem grandes abalos na vida ordinária, cotidiana, puderam desenvolver-se, sobretudo o do Rio de Janeiro, que em 1641 inaugurou solenemente a igreja abacial, a actual e em 1652 lançou os fundamentos e iniciou as obras da construção do actual mosteiro.

São prova da vitalidade da Província Beneditina as novas fundações que lhe vieram acrescentar o número de mosteiros. Consolidada a fundação de Piratininga que, como já vimos, foi elevada a abadia em 1635, fizeram-se no espaço de vinte e cinco anos, isto é, de 1643 a 1668, mais quatro fundações: as de Paraíba (1643), de Santos (1650), de Sorocaba (1660) e de Jundiá (1668); todas elas na Capitania de São Vicente, elevadas mais tarde à categoria de Presidência, a saber, mosteiros autónomos.

Além dessas fundações, outra se fez por esse tempo no Recôncavo da baía de todos os Santos, no actual Município de São Francisco. Fundado o mosteiro em 1670, sob a invocação de Nossa Senhora das Brotas, foi elevado a Presidência em 1694 e a Abadia em 1713. Esse mosteiro teve pouca actuação, devido provavelmente ao reduzido número dos seus monges e à proximidade da casa-mãe, a abadia da cidade do Salvador (4).

Em 1586 a viúva de Diogo Álvares Correia, o Caramurú, Catarina Alvares Correia ou Paraguaçu, doou aos beneditinos a Capela de Nossa Senhora da Graça, que mandara construir em cumprimento, segundo dizem, de um voto, sita nas vizinhanças da cidade do Salvador, de então. Doou igualmente a prataria e alfaia

(4) A abadia de Nossa Senhora das Brotas foi supressa em 1911.

da dita Capela e bem assim as terras dos seus arredores. Tempos depois os monges aumentaram a Capela e construíram ao lado pequeno mosteiro que, em 1694, foi elevado a Presidência, e em 1720, a Abadia. Esta, como a de Nossa Senhora das Brotas, teve pouco desenvolvimento. (5)

Nessa primeira metade do século XVIII a Província Beneditina do Brasil atingira o apogeu do seu desenvolvimento. Contava sete Abadias e quatro Presidências cheias de vida e muito observantes da disciplina monástica. O número dos seus monges subia a mais de duzentos. Os mosteiros que contavam maior número de religiosos eram, em 1764, o do Rio de Janeiro, que tinha 61, e o da Baía, 60, quase todos sacerdotes, pois havia mui poucas vocações para irmãos leigos.

Cada abadia podia ter noviciado próprio. O Abade Provincial fazia durante o seu triênio a visita aos mosteiros, auscultando as necessidades de cada um deles e corrigindo os abusos que porventura encontrasse. No fim do triênio apresentava ao Capítulo Geral minucioso relatório acerca do estado de cada mosteiro, sugerindo ao mesmo tempo as medidas que julgasse oportunas ou mesmo necessárias para o bem geral da Província.

C — SEPARAÇÃO DOS MOSTEIROS DO BRASIL DA CONGREGAÇÃO DE PORTUGAL E SUA CONSTITUIÇÃO POR BULA PONTIFÍCIA EM CONGREGAÇÃO AUTONOMA

A Província Beneditina do Brasil, que, como vimos, fazia parte da Congregação de Portugal, obteve da Santa Sé em 1827 a sua autonomia, formando desde então, por Bula pontifícia, Congregação autónoma.

Com a independência do Brasil, em 1822, ficavam as relações com Portugal por alguns anos interrompidas, o que acarretou não poucas dificuldades aos nossos mosteiros. Todos os cargos importantes das Casas da Província eram, como ficou dito, renovados de três em três anos pelo Capítulo Geral da Congregação. Ora, no Capítulo Geral de 1825 foram omitidas as eleições e nomeações para os mosteiros do Brasil, o que teve por consequência uma anomalia em suas comunidades. Em tais circunstâncias, e mesmo vindo ao encontro de uma antiga aspiração dos nossos cenóbios, o Abade Provincial, Frei António do Carmo, embora português de nascimento, dirigiu, de comum acordo com os outros abades e mais superiores dos mosteiros, um requerimento ao Imperador em que fazia alusão aos serviços prestados pela Ordem Beneditina ao Brasil e pedia ao mesmo tempo a interferência do Governo junto à Santa Sé a fim de obter a emancipação dos mosteiros do Brasil e constitui-los em Congregação independente.

O Governo Imperial, tomando em consideração esse pedido, pelos motivos

(5) É o bairro da Graça actualmente um dos mais importantes da cidade do Salvador. O mosteiro, em 1906, por Decreto da S. Sé, perdeu a prerrogativa abacial e foi incorporado à abadia de S. Sebastião, da mesma cidade, com o título de priorado simples.

alegados, dirigiu-se à Santa Sé por meio do seu representante junto à Corte Pontifícia, Mons. Francisco Correia Vidigal, e obteve do Santo Padre Leão XII a Bula Inter Gravissimas, de 1 de Julho de 1827, em que o Papa declarava desmembrados da Congregação Beneditina de Portugal os mosteiros do Brasil e os constituía em Congregação independente, sob a denominação de Congregação Beneditina Brasileira, e designava o mosteiro da Baía para nele se celebrar o primeiro Capítulo Geral da nova Congregação, o qual se devia realizar o mais breve possível. Outorgava ao mesmo tempo aos mosteiros do Brasil todos os privilégios, isenções, honras e prerrogativas de que gozava a Congregação de Portugal e ordenava que o Abade Provincial regesse interinamente, até à eleição do primeiro Abade Geral, a nova Congregação, com todos os direitos, honras e privilégios que competiam ao Geral da Congregação Lusitana.

A 17 de Junho de 1829 foi inaugurado o primeiro Capítulo Geral, em que foi eleito para Chefe da Congregação o padre mestre Frei José de Santa Escolástica Oliveira, monge de grandes virtudes e saber. Entre outras muitas determinações aí tomadas, foi o mosteiro da Baía designado para cabeça da Congregação e residência do Abade Geral.

D — DECLÍNIO DOS MOSTEIROS E RESTAURAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

Um dos primeiros cuidados que preocuparam os padres capitulares foi a momentosa questão da reabertura dos noviciados fechados pelo Governo, causa da diminuição de monges nos mosteiros e do afrouxamento da observância monástica. O Abade Geral, recentemente eleito, logo no começo do seu governo escreveu ao Abade do Rio de Janeiro pedindo-lhe interpor os seus bons ofícios junto ao Governo imperial a fim de revogar tão odiosa proibição, servindo-se do ensejo das boas disposições do Imperador para com a Congregação e sobretudo da chegada da segunda Imperatriz do Brasil. Era uma questão de vida ou de morte para a Congregação. Entretanto, graves questões políticas agitavam o País nessa época, chamando sobre si a atenção do Governo e questões secundárias, como a da reabertura dos noviciados, passaram para segundo plano, isto é, para o rol das coisas esquecidas.

Esta questão do fechamento dos noviciados das Ordens monásticas já vinha de longa data. O primeiro que a pôs em execução foi o Marquês de Pombal. Tendo ele alcançado em 1759 a expulsão dos Jesuítas de Portugal e de seus domínios, descarregou, pouco depois, os seus golpes traiçoeiros sobre as ordens monásticas, expedindo ordens para que não recebessem noviços sem autorização do Governo.

Publicada em Portugal a proibição, foram expedidas ordens neste sentido para o Brasil, em cumprimento das quais o Secretário de Estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, dirigiu em janeiro de 1764 ao Dom Abade Provincial noviços nos mosteiros do Brasil, até que o Soberano mandasse ordens em contrário. Não só: exigia ao mesmo tempo que o Provincial mandasse relação exacta de todos os mosteiros, casas e outras residências dos monges no Brasil, com o número de sa-

cerdotes, coristas e irmãos conversos, e de todos os seus bens imóveis e semoventes, especificados, e das respectivas rendas. Era patente a intenção malévola do ministro de D. José I de apossar-se dos bens da Ordem.

Com a morte do Rei em 1777 e o afastamento do Ministro Marquês de Pombal, foi de novo permitida, com restrições, a admissão de noviços nos Institutos monásticos pelo governo de D. Maria I. Assim, por Aviso Ministerial de 23 de Junho de 1781 permitiu-se a admissão de 30 noviços na Congregação Beneditina de Portugal e, por outro Aviso de 27 de Novembro de 1783, mais 20 noviços (6). Entretanto essa permissão foi cassada em 1789, data em que se organizou a "Junta de exame do estado actual e melhoramento temporal das Ordens regulares." (7)

Extinta a "Junta", foi, mais de vinte anos depois, revogada outra vez a proibição, em atenção sobretudo aos serviços que as Ordens regulares acabavam de prestar ao País durante a invasão francesa de 1807 a 1810. Em 1821 nova proibição fechou os noviciados (8), proibição esta que se prolongou no Brasil-império até 1835.

Os monges do Brasil, no entanto, não cruzaram os braços diante de tamanha injustiça. Logo que os nossos mosteiros se separaram da Congregação Lusitana e formaram, em 1827, Congregação autónoma, os superiores empregaram todos os esforços a fim de ser revogada proibição tão injusta.

Entre os membros da Assembléia Legislativa havia corrente favorável à abertura dos noviciados. Discutiam-se projectos de leis neste sentido. Um dos que defenderam na Câmara, com maior vigor e empenho, esse direito das Ordens religiosas foi o Arcebispo Primáz, Dom Romualdo António de Seixas. Tendo discutido, em 1834, essa questão sem alcançar vitória, obteve que ficasse suspensa até à abertura das Câmaras no ano seguinte.

De regresso à Baía empenhou-se em prol da mesma causa junto à Assembleia Provincial, e esta, animada de zelo pela justiça e pelo progresso da religião, servindo-se das prerrogativas que lhe concedera o "Acto Adicional", legisla sobre os Conventos e autoriza, em Junho de 1835, a admissão de 30 noviços a cada uma das três Ordens religiosas: São Bento, São Francisco e Nossa Senhora do Carmo.

A Assembleia Nacional, devido sobretudo aos esforços do Arcebispo Primaz, não só homologou essa licença como a estendeu às outras Ordens em todo o Brasil.

A tal extremo havia chegado a Congregação Beneditina, pela carência de monges, causada por essas injustas proibições, que no fim do segundo triénio do

(6) Cfr. Inácio Accioli — Memórias Históricas da Província da Baía, edição de 1937, t. V, pág. 449.

(7) Cfr. Ramiz Galvão, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, v. 35, parte II, pág. 343.

(8) Cfr. Tomás Ribeiro — História da legislação liberal portuguesa, v. II, pg. 255, citado por Costa Brochado in "Fátima à luz da história", pág. 55, Portugália Editora, Lisboa, 1948.

seu governo o Abade Geral, Frei José de S. Escolástica Oliveira, tinha dúvidas sobre a possibilidade de se realizar o terceiro Capítulo Geral. Nos onze mosteiros do Brasil havia apenas 52 religiosos, e estes na maioria de idade avançada e valedudinários, donde se compreendem as consequências que haviam de resultar para a observância da disciplina monástica, pela dificuldade de se realizarem os exercícios regulares.

Com a reabertura dos noviciados uma aura de bonança animou a Congregação, despertando o ânimo e a esperança nos monges.

Em Julho desse mesmo ano de 1835 reuniu-se o terceiro Capítulo Geral, em que foi eleito para chefe da Congregação o padre Frei Manuel da Conceição Neves, mestre em teologia, monge austero e de grandes virtudes. O novo Geral teve a imensa satisfação, e com ele a Congregação, de, apenas dois meses após ter assumido o árduo cargo, receber 10 moços, filhos de distintas famílias, que pediam ser admitidos ao noviciado da Ordem.

O Arcebispo Primaz, D. Romualdo Antônio de Seixas, em sinal de apreço à Ordem Beneditina e da imensa satisfação pela reabertura dos noviciados, dignou-se chegar ao vetusto cenóbio de São Bento e impor o hábito monacal aos dez primeiros candidatos ao noviciado, cerimônia esta que fazia já cerca de três lustros não se realizava nos institutos monásticos do País, em virtude da proibição governamental.

Ficou assim o dia 17 de Setembro de 1835 registado nos anais da Congregação Beneditina Brasileira como data de máximo regosijo para a Abadia da cidade do Salvador e aurora de esperança para todos os mosteiros do Brasil.

Com a admissão de noviços pôde a Congregação tomar alento e reerguer-se da sua quase completa aniquilação. Os seus claustros tomaram nova vida e assim puderam os monges desenvolver as suas actividades, tanto internas, com maior esplendor do culto e mais exata observância da disciplina monástica, como externas, com obras de apostolado e de beneficência social.

Em 1854 realizou-se o sétimo Capítulo Geral, em que foi eleito para Chefe da Congregação o padre mestre Frei Saturnino de S. Clara Antunes de Abreu, um dos dez que receberam, em 1835, o hábito de noviço das mãos do Arcebispo Primaz, D. Romualdo. Foi durante a sua gestão que, vinte anos após a reabertura dos noviciados, novo golpe injusto e traiçoeiro foi dado contra os institutos monásticos. Por simples Aviso do ministro da Justiça, de 19 de maio de 1855, foram trancados de vez todos os noviciados das Ordens monásticas no Brasil. Esta resolução do Governo foi comunicada por carta circular aos prelados das Ordens religiosas, aos bispos e aos presidentes de província.

Na aludida Circular dizia o ministro que ficavam cassadas as licenças concedidas para entrada de noviços até que fosse realizada a concordata que a Santa Sé ia o Governo propor. No entanto o Governo jamais tratou de a propor a Roma, e os conventos, mal refeitos dos danos causados pelas proibições anteriores, começaram, no decorrer dos anos, a se despovoar de novo. Em 1868 a Congregação Beneditina tinha em seus onze mosteiros apenas 41 religiosos. Só duas

abadias podiam ainda manter, com dificuldade, a vida regular monástica: a do Rio de Janeiro, que tinha 15 monges, e a da Baía, 11; na de Olinda só havia quatro e nos outros mosteiros apenas um ou dois.

Aos chefes da Congregação doía-lhes profundamente contemplar, impotentes, a morte lenta do seu Instituto. O zeloso abade do Rio de Janeiro, Frei José da Purificação Franco, tentou remediar o mal empregando um meio que se lhe afigurou salutar. Escreveu ao abade do Mosteiro de São Paulo de Roma, D. Francisco Leopoldo Zelli, pedindo-lhe receber os jovens brasileiros que quisessem abraçar o estado monacal e formá-los na sua abadia, para depois de ordenados sacerdotes voltaram para os mosteiros do Brasil. Aceito benévola e caridosamente este pedido, foram mandados os três primeiros moços, que seriam seguidos de muitos outros.

Terminada a formação monástica e concluídos os estudos eclesiásticos, foram eles em 1875 ordenados sacerdotes. Quando se dispunham a regressar à Pátria, o Governo imperial, por Aviso do ministro da Justiça, visando naturalmente aos três jovens monges, declarava que as profissões religiosas de súditos brasileiros feitas no estrangeiro, para os mosteiros do Brasil, não eram aqui reconhecidas nem válidas.

Com esta resolução ministerial apagava-se a última esperança da Congregação moribunda. Depois de esgotados os meios humanos para salvar o seu Instituto, os poucos monges que ainda restavam nos claustros de São Bento depuseram nas mãos de Deus a sua esperança. Assim, a exemplo do Patriarca Abraão, contra toda esperança, humanamente falando, confiaram que Deus não havia de permitir que a Ordem Beneditina, a mais antiga das Ordens monásticas, que por espaço de quase trezentos anos fora próspera e muito observante no Brasil, viesse a desaparecer na terra da Santa Cruz.

Na expectativa, pois, de dias melhores, não só conservaram os seus mosteiros, como os defenderam contra a cobiça de usurpadores, que em todos os tempos e em toda parte aproveitam das horas difíceis dos fracos para chegar aos seus fins.

E Deus ouviu as preces dos velhos monges.

Quando menos se esperava, um acontecimento veio mudar a situação religiosa no País. Em 1889 caiu o regime monárquico e com ele foi sepultado o regalismo que manietava a Igreja no Brasil.

Sucedeu-lhe a República que, embora guiada por uma Constituição agnóstica, deu indirectamente liberdade à Igreja. E assim as ordens religiosas puderam tomar alento e receber vida nova.

Para Chefe da Congregação foi eleito, no Capítulo Geral de 1890, o padre Frei Domingos da Transfiguração Machado. Nessa ocasião os padres capitulares, servindo-se do ensejo da nova situação religiosa, dirigiram uma carta ao Santo Padre Leão XIII em que expunham a situação aflitiva em que se achava a Congregação: nos seus claustros, outrora cheios de vida, observantes e fervorosos, já não havia mais a vida regular monástica, pois o número dos monges existentes nas sete abadias e quatro presidências se reduzia a 19 ao todo. Alguns dos mosteiros já se achavam fechados e os outros eram habitados por um ou dois monges. "Nestas

condições — diziam — não é possível restaurar-se a Congregação com as próprias forças". Pediam ao Santo Padre mandasse alguns monges de boa observância dos mosteiros da Europa para empreenderem aqui, com a abertura dos noviciados, a restauração da vida monástica nesses venerandos cenóbios.

A Santa Sé, depois de maduro exame sobre a situação religiosa no Brasil e do bem que a restauração das Ordens regulares em nosso país faria à Religião e à Igreja, acedeu ao pedido dos monges e encarregou a Congregação de Beuron da execução dessa obra.

Após os devidos entendimentos entre as duas Congregações, a Brasileira e a Beuronense, desembarcaram no porto do Recife, em Agosto de 1895, os primeiros monges restauradores, chefiados pelo zeloso e apostólico Dom Gerardo van Caloen, braço direito do Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado, na obra da restauração. (9) O primeiro mosteiro a ser restaurado foi o de Olinda, donde se irradiou para os outros a reintrodução da vida regular monástica, interrompida desde vários annos pela carência de monges.

Ao desembarcarem os monges europeus no Recife, foram recebidos no cais pelo Abade Geral, Dom Domingos, e pelo único monge ainda existente no mosteiro de Olinda, o velho abade Dom José de Santa Júlia Botelho. Conduzidos à abadia olindense, foi entoado solene Te deum em acção de graças ao Senhor, pela chegada dos novos monges. No dia seguinte, 18 de Agosto de 1895, foi iniciada a restauração da Congregação com o estabelecimento da vida regular no mosteiro.

Dos antigos monges só restavam dez em toda a Congregação. O abade de Olinda, Dom José de Santa Júlia Botelho, resignou espontaneamente o cargo a fim de que os recém-chegados tivessem inteira liberdade de acção, retirando-se para o mosteiro da Paraíba, do qual foi eleito abade no Capítulo seguinte.

O Abade Geral, Dom Domingos da Transfiguração Machado, havia comunicado ao Episcopado brasileiro a fausta notícia da próxima restauração da vida monástica nos nossos mosteiros, recebendo dele aplausos e entusiásticas felicitações. Entre outras, as do então bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte da Silva, que aqui reproduzimos:

"Mil congratulações e mil parabens, Exmo. Sr. D. Abade, é o que me cabe dar a V. P. e a toda Congregação Beneditina Brasileira pela fausta comunicação que, em officio de 6 de setembro passado, houve por bem fazer-me de que, em vista de favores extraordinários dispensados por S. Santidade o Papa Leão XIII à obra da restauração da inclita Ordem de S. Bento, estão dadas as providências para que em breve seja uma realidade a instalação do Noviciado...

"Graças sejam dadas a Deus Nosso Senhor, que pela intercessão dos Santos Fundadores das Ordens, abençoando-lhes os Filhos, não permitiu que tão precio-

(9) Com a restauração da observância monástica nos mosteiros do Brasil foi dado aos monges sacerdotes o tratamento de dom, como foi sempre de tradição na Ordem Beneditina, pois o de frei é próprio das Ordens mendicantes.

sos conventos desaparecessem aqui do nosso Brasil, e nos dá esperança de vermos brevemente essas vinhas produzirem abundantes frutos: *semen pacis estis, vinea dabit fructum suum...*

"Que triste e doloroso espetáculo, para servir-me das elevadas e sentimentais expressões do Exmo. Sr. D. João Esberard, na sua primeira Pastoral, que triste e doloroso espetáculo não forneciam ao Brasil católico esses claustros ermos e desolados, onde se respirava como que um ar glacial de sepulcro, onde as próprias paredes davam vozes lastimando o seu pungente insulamento, onde, as celas abandonadas, suspiravam tantos servos de Deus que as habitaram, onde os extensos corredores, à semelhança dos caminhos de Sião, vertiam pranto por não haver mais quem os percorresse em demanda do local da prece!

"Neste mundo porém nada é eterno. Em breve raiará o dia em que a agonia lenta dos últimos religiosos vai suceder a vida de comunidade; ao silencio da morte a majestosa salmodia do côro; à solidão e ao isolamento a actividade e a alegria dos irmãos que vivem juntos: *Quam bonum et quam jucundum habitares fratres in unum!*

"Abram-se pois quanto antes as portas dos Noviciados, e as Ordens redivivas sejam restituídas ao antigo fulgor, para poder cada uma dizer de si mesma: *Spiritus Dei fecit me, et Spiraculum Omnipotentis vivificavit me...*

"Mil louvores sejam dados ao sábio Pontífice, a esse adestrado temoneiro da Barca de Pedro, que, com mãos benéficas, veio escorar esse ramo da árvore plantada por São Bento, que atravessando o Oceano, veio brotar aqui no Brasil, e que tremendo furacão ameaçava despedaçar e destruir!"

No começo do ano seguinte ao da chegada dos monges europeus foi reaberto o noviciado, com a admissão de três noviços; e, com a vinda de outros monges da Europa e a entrada de novos candidatos, a velha abadia foi-se enchendo e a vida regular tomou vulto em seus actos litúrgicos, com missa conventual e officio de vésperas cantados diariamente. Ainda nesse ano (1896) o Capítulo Geral elegeu Dom Gerardo van Caloen abade do mosteiro de Olinda, o qual, em 1900, foi nomeado, por autorização da S. Sé, Vigário Geral do venerando Dom Domingos da Transfiguração Machado na obra da Restauração. Pressagiava-se, portanto, um belo futuro a essa obra. Entretanto grandes provações sobrevieram à comunidade olindense.

A febre amarela, flagelo de algumas cidades marítimas do Brasil de então irrompeu em Recife e Olinda por duas vezes no curto espaço de três anos, em 1897 e 1899, ceifando muitas vidas. Quase todos os monges foram assaltados pelo mal, sendo quatro dentre eles vitimados, lamentando-se sobretudo a morte do padre prior da Abadia, Dom Foilano Lhermitte, monge ainda moço e ornado de belos dotes intellectuais e de grandes virtudes.

Dom Gerardo, alarmado com a perspectiva de novo surto do mal, que viria dificultar e retardar mais ainda a obra da Restauração, tão auspiciosamente começada, pensou em fundar um mosteiro em região de clima ameno e saudável, o qual serviria de Casa de estudos superiores dos jovens clérigos e pouso de

aclimação para os monges que viessem da Europa. Pensou então no Ceará, por causa da salubridade do seu clima. O senhor Bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira, ao ter conhecimento do intento de Dom Gerardo, pôs-lhe à disposição o seminário da cidade do Crato, que se achava desde alguns anos fechado, o que ocasionou a fundação do mosteiro de Santa Cruz, no Município de Quixadá, como veremos a seguir.

II — FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ

A — PRIMEIRAS PROVIDÊNCIAS

Passada a tormenta causada pela irrupção da febre amarela, pôde a comunidade olindense, a 19 de Julho de 1899, reunir-se de novo na Abadia e reassumir os seus afazeres ordinários. O velho mosteiro encheu-se outra vez de vida e sob suas abóbadas ouviram-se ressoar novamente os louvores ao Senhor. Entretanto os Superiores se convenceram de que o clima de Olinda não convinha ao estabelecimento na Abadia do curso dos estudos superiores dos jovens monges. Neste sentido escreve Dom van Caloen, a 13 de Julho:

— "Il est maintenant urgent de penser à l'avenir; ainsi à peine la communauté sera-t-elle reorganisée, faudra-t-il que je me mette en voyage à l'intérieur du pays à la recherche d'un endroit tout à fait sain et situé hors de la zone maritime, hors d'atteinte de la fièvre jaune, pour y établir une maison d'études qui serait en même temps un sanatorium. Car il est évident dès à présent que le plus grand obstacle à notre oeuvre (da Restauração) est cette maladie, qui peut détruire en peu de temps les fruits de beaucoup d'années de travail." (10)

Dom Gerardo, como vimos, lançou as suas vistas sobre o Ceará, dada a salubridade do clima.

A 3 de Agosto (1899) embarcou Dom van Caloen, acompanhado de Dom Maurício Prichzi, com destino ao Ceará, a fim de visitar não só o seminário do Crato como outros estabelecimentos que lhe haviam indicado para o fim a que se propunha. Chegando a Fortaleza, e tendo conferenciado com o Senhor Bispo, empreendeu viagem ao interior do Estado com destino ao Crato. Naquele fim de século a estrada de ferro chegava só um pouco além da cidade de Quixadá. Todo o resto do trajecto, mais de 400 km., devia ser feito a cavalo. Viagem por demais fatigante para quem não está habituado a esse meio de locomoção, e ainda mais para um europeu, sob o sol tropical. Em Quixadá, Dom Gerardo e seu secretário, deixando o trem prosseguiram a viagem a cavalo. Tendo andado umas vinte léguas, um acidente o impediu de continuar. Eis como ele descreve o acidente:

(10) Carta de Dom Gerardo ao Superior da Procuradoria Beneditina Brasileira de S. André na Bélgica, in "Bulletin des oeuvres bénédictines au Brésil." Saint-André-lez-Bruges, nº 3, septembre 1899.

"Le samedi 12 aout nous arrivions ici même, a Cachoeira, entre Quixadá et Icó après avoir fait heurreusement plus de 20 lieues à cheval. Nous reçumes la plus cordiale hospitalité chez le colonel Manuel Fernandes, éleveur propriétaire, frère de 2 prêtres, excellent catholique (11). Après avoir célébré le dimanche 13 la messe paroissiale, en l'absence du bon curé, dont les deux paroisses réunies ont 17 lieues de long, nous nous mimes en route, vers le soir, pour faire une étape de 3 lieues; nous comptons arrivier le 14 au soir à Floresta, 7 lieues plus loin, pour y célébrer la belle fête de l'Assomption. Mais une épreuve m'attendait ce même soir.

"Le colonel avait poussé la bonté jusqu'à nous accompagner, et comme le trot dur de mon cheval me fatiguait, il m'en donna un autre, doux et vaillant, celui dont servait sa femme et qui n'avait jamais bronché. Nous avons fait deux lieues de chemin; mon cheval marchait à ravis, et je me félicitais de pouvoir continuer le voyage sur cette excellente monture. C'était au moment du coucher du soleil. Tout à coup un sujet de la pire espèce, connu comme vaurien dans le pays, débouche à cheval du fourré et vient s'abattre par derrière sur le mien, avec deux grandes malles suspendues à sa monture.

"Le cheval s'épouvante, prend galop, me désarçonne, et je fais une chute qui pouvait être terrible, car je tombais en arrière, et le terrain était jonché de grosses pierres. Par un bonheur providentiel, j'étais tombé sur un petit espace où il n'y avait que du sable et de l'herbe. Je n'avais pas une égratignure. Mais j'étais tombé sur l'épaule droite, et je m'aperçus, au milieu des soins que me prodiguèrent mes compagnons, que je ne pouvais mouvoir le bras droit. Cependant il n'était ni cassé ni demis, mais les muscles étaient contusionnés. On me reporta en hamac dans la maison du Colonel, où je suis encore avec D. Maurice. On me soigne très bien, avec des emplâtres d'herbes du pays et des massages".

Este acidente, longe de entravar o projecto de Dom van Caloen, serviu para lhe facilitar a realização. Pois voltando a Quixadá, e estando em tratamento na casa do vigário, padre António Lúcio Ferreira, soube que em Guaramiranga, na serra de Baturité, havia um grande prédio que servira de Colégio, recentemente fechado, e que o proprietário se achava em Quixadá. Dom Gerardo procurou logo entender-se com ele, que lhe cedeu de boa vontade o dito prédio pelo espaço de dois anos a fim de Dom Abade abrigar o clericado e o noviciado da abadia de Glinda. Nesse interim poderia ele dar solução definitiva sobre o local que mais lhe conviesse para a fundação do mosteiro.

Entretanto os principais moradores da cidade, estimulados pelo Vigário, Pe. Lúcio, se empenharam para que a fundação do mosteiro fosse no Município de Quixadá. Sugeriram então a Dom Gerardo a ideia de visitar a serra do Estêvão,

(11) O Cel. Manuel Fernandes da Silva Távora era irmão do Monsenhor António Fernandes da Silva Távora e do, então, Pe. Carloto Fernandes da Silva Távora, mais tarde Bispo de Caratinga (Minas).

região de clima delicioso, de panorama admirável, que bem se prestava para o fim que tinha em mente. Aquele ano fora de muita chuva, de modo que havia água em abundância na serra e os bosques se achavam revestidos de um verde que deleitava a vista. Dom Gerardo ficou encantado com o que vira.

Dias depois uma comissão, constituída por pessoas das mais conspícuas da cidade, obtinha os fundos necessários para a compra do terreno, e a 15 de setembro (1899) depunha nas mãos de Dom Abade a escritura de compra do sítio que mais lhe agradara na serra do Estêvão, para nele estabelecer o futuro mosteiro. (12) A este sítio foram depois acrescidos outros, também por doação e compra.

Após ter consultado pessoas competentes e, por permanência de alguns meses, ter conhecido a excelência do clima do Ceará, Dom van Caloen decidiu aceitar a oferta generosa do povo de Quixadá e estabelecer a Casa de estudos na serra do Estêvão.

Sendo no entanto urgente a mudança do clero e do noviciado da Abadia de Olinda para lugar de clima mais saudável, Dom Gerardo ao regressar a Pernambuco mandou os jovens professores e os noviços, chefiados pelo padre mestre, Dom Majolo de Caigny, para Guaramiranga, a fim de refazerem a saúde abalada pela febre amarela. O grupo compunha-se de dois monges sacerdotes, Dom Majolo, Superior e mestre dos jovens professores e dos noviços, e Dom Macário Schmidt, que fazia as vezes de mordomo, seis clérigos de profissão simples, três noviços do coro e um irmão converso: ao todo 12 religiosos. Desembarcaram no porto de Fortaleza a 9 de Outubro de 1899.

Eis como Dom Majolo de Caigny descreve em suas "Memórias" (13) as primeiras impressões que teve acerca da capital do Ceará de cinquenta anos atrás e de seus habitantes:

"Le 9 octobre, nous arrivâmes à Fortaleza, la jolie capitale de l'Etat du Ceará... à la plage nous vîmes un prêtre à taille élancée et aux longs cheveux flottants. C'était Mgr. Dom Xisto Albano, curé de l'église du S. Coeur. (14) Il appartenait à l'une des meilleures familles du pays. Ayant fait ses études au Séminaire de S. Sulpice, à Paris, il parlait volontiers et couramment la belle langue française. Toujours il se montra un sincère ami des moines de S. Benoit, qu'il était heureux, disait-il, de saluer le premier dans sa terre natale. Il avait été prévenu de notre arrivée.

"Après nous avoir salué tous avec beaucoup de courtoisie, il nous conduisit au grand Séminaire, dirigé par les Lazaristes français. Ces dignes fils de S. Vincent,

(12) Cfr. "Bulletin des oeuvres bénédictines au Brésil." Saint André-lez-Bruges, nrs. 3 e 4, septembre et octobre 1899.

(13) "Memórias" inéditas.

(14) Dom António Xisto Albano foi bispo do Maranhão. Quando porém, em 1899, chegaram ao Ceará os monges beneditinos era apenas Monsenhor e atendia ao serviço religioso da igreja do S. Coração, construída por ele.

qui font tant de bien au Brésil, nous reçurent avec beaucoup d'amabilité et nous offrirent la plus généreuse hospitalité.

"Je m'empressai d'aller au palais épiscopal afin de présenter mes hommages respectueux à Mgr. l'Evêque du Ceará, qui fut heureux de nous recevoir dans son vaste diocèse. (15) Outre les Lazaristes à Fortaleza, il n'avait que quelques Capucins pour aider son clergé séculier; ces fils de S. François desservaient Canindé (16), important lieu de pèlerinage au nord-est du Brésil.

"Enfin, je fis, dans quelques magasins, des achats de première nécessité pour notre installation au Ceará. J'eus à peine le temps de voir la ville, qui, bâtie à l'américaine, a les rues droites et coupées en blocs. Au nord, sur une légère éminence, il y a un pare assez beau, une jolie vue sur l'océan.

"Nous pûmes constater avec bonheur que la pratique de notre S. Religion était en honneur à Fortaleza. Il y avait beaucoup de monde à l'église, et les comunions y étaient nombreuses. Les Soeurs de S. Vincent de Paul y rendent beaucoup de services, soit à l'hôpital, soit en dirigeant un pensionnat bien fréquenté.

"Nous y fîmes aussi la connaissance de deux dignes prêtres: l'un d'eux, le Dr. Frota, se distinguait pour la science et son amour du latin. Il entretenait à ses frais et dirigeait une école privée, dans laquelle, à ses élèves des deux sexes, il enseignait les éléments du latin pour leur donner une intelligence plus approfondie de la langue portugaise. J'ai déjà eu l'occasion de faire remarquer que cette langue dérive en première ligne de celle de Cicéron et de Virgile.

"L'autre, aumônier de la Santa Casa de Misericórdia, était le dernier enfant d'une famille extrêmement nombreuse: il avait l'air aussi robuste que respectable. J'appréciai toujours ses conseils d'ami.

"On le voit, la première impression que nous eûmes du Ceará et la population, fut excellente; et, pour ma part, elle ne s'est jamais démentie.

"Je remarquai aussi qu'il y avait à Fortaleza peu de nègres en comparaison du nombre que j'avais vu ailleurs, surtout à Bahia.

"Quant à la chaleur, elle est très élevée au Ceará: nous n'y sommes qu'à 4 ou 5 degrés de l'équateur; mais elle est moins humide, pour ne pas dire sèche. A l'intérieur, disait-on, elle était très sèche, mais supportable et plutôt favorable à la santé.

"Le clergé séculier était assez nombreux, plus qu'ailleurs; et au séminaire, il y avait beaucoup d'élèves. Les prêtres émigrent volontiers; on en trouve dans presque tous les Etats du Brésil. D'ailleurs, ils ne suivent en cela que la tendance générale de la population.

(15) A diocese do Sr. Bispo Dom Joaquim José Vieira compreendia então o território de todo o Estado do Ceará.

(16) O Santuário de Canindé estava entregue aos padres capuchinhos antes de passar para a direção dos padres franciscanos.

"Aisément je pus me rendre compte, dès notre arrivée à Fortaleza, que notre présence y fut saluée par tout le monde avec beaucoup de sympathie; et je me persuadai de plus en plus que Mgr. van Caloen n'avait pas été mal inspiré en nous envoyant au Ceará, et que cette nouvelle fondation avait beaucoup de chances de succès. Les conversations que j'eus avec plusieurs personnes d'expérience, à dessein de m'orienter mieux et d'obtenir des renseignements nécessaires, me confirmèrent dans cette espérance."

B — OS MONGES DEIXAM FORTALEZA E SEGUEM PARA GUARAMIRANGA, NA SERRA DE BATURITÉ

Após dois dias de estada em Fortaleza os monges seguiram para Guaramiranga, residência provisória. A viagem até à cidade de Baturité, a 103 km. de Fortaleza, foi feita de trem; mas dali em diante a cavalo, por péssimos caminhos e através de vales e montes, quase sempre em ascensão, tanto mais difícil para jovens europeus que não tinham hábito de andar a cavalo. Eis como Dom Majorio a descreve, com todas as minudências:

"Enfin, vers midi, le train nous déposa à Baturité. Ce nom indien signifie "montagne par excellence". En effet, cette serra est de loin la plus belle de toute la région que nous venions de parcourir. Elle a près de 11 lieues de longueur sur 4 de largeur, avec une altitude qui dépasse parfois 1000 mètres. Ses sommets se perdent souvent dans les brouillards ou les nuages. Quant à la petite ville de ce nom, elle est assez jolie et a l'air de jouir de certaine aisance. La première impression fut bonne.

"Nous y étions attendus et un repas frugal restaura nos forces, ou plutôt nous en fournit pour l'ascension de la montagne; car dans le train, c'était surtout la soif que nous avait tourmentés. Cette ascension, de fait, était une véritable expédition, d'autant plus compliquée que les personnes, qui devaient la faire, en étaient à leur première expérience. Les bagages, accrus en route, augmentèrent encore la difficulté, surtout les chaises en osier, achetées à Fortaleza.

"Ce qui était plus mortifiant, ce fut de voir tout le monde sur pied assister à notre départ. On ne parlait en ville que de notre arrivée au Ceará, de ces moines inconnus qui paraissaient des êtres mystérieux: l'imagination est très vive chez ce brave peuple.

"Déjà pendant le repas arrivèrent des chevaux, des mulets et des ânes pour la cavalcade improvisée. Les guides sellèrent les montures pour les cavaliers et chargèrent les ânes de nos bagages. Ce travail préparatoire dura assez longtemps, agrementé de gros mots et de rires grossiers. Enfin, l'ordre de partir fut donné.

"La rue que nous devions suivre était remplie de curieux, qui gardaient un silence plutôt respectueux et sympathique. Cependant, à la vue de tant de jeunes moines à cheval spectacle qu'on n'avait jamais vu à Baturité — une vieille femme, ébahie, s'écria à haute voix: "Virgem Nossa Senhora, é o fim do mundo! Vierge, notre Souveraine, c'est la fin du monde!"

"Il va sans dire qu'il y eut, en entendant cette exclamation, un moment d'hilarité générale, à laquelle je pris franchement part. De fait, comme nous étions à la fin du siècle, des idées de ce genre hantaient plus d'un cerveau faible.

"Une surprise vint exciter parfois un fou rire et exercer la patience des fiers cavaliers! Plusieurs chevaux et mulets ne connaissaient que trop certaines maisons: en passant en face, ils voulurent obstinément s'y arrêter, comme d'habitude, au grand désespoir des jeunes clercs, la plupart dépourvus d'éperons ou de fouet! Dom Macaire, en vrai américain qu'il était, se multiplia en efforts pour maintenir l'ordre et faire avancer sa troupe. Ce fut un grand soulagement pour nous, quand enfin nous eumes tous quitté la ville.

"L'ascension commença: elle se fit par l'ancienne route impériale, que la jeune République, trop distraite par ses luttes politiques, avait assez négligée. Les guides s'en plaignirent à chaque instant, et ils n'avaient pas tort. La route était défoncée en plusieurs endroits, et en général, en mauvais état: l'argent faisait défaut pour son entretien! Je suppose que de nos jours elle est maintenue en meilleure condition.

"Nous suivîmes, d'ordinaire, les courbes gracieuses de la rivière qui descendait de la montagne, et nous traversâmes des vallées aussi riçntes que fertiles. La forêt, couverte de grands arbres touffus, nous protégea souvent de son ombre contre les ardeurs du soleil. Parfois, aux clairières, le panorama devint vraiment superbe de beauté et de grandeur; et à mesure que nous montâmes, les éclaircies nous laissèrent admirer les lointains ensoleillés du "Sertão". Aussi fumes-nous d'avis que les Indiens n'eurent pas tort de donner à cette montagne le nom de Baturité.

"Ce ne fut qu'au coucher du soleil que nous atteignîmes le petit village de Guaramiranga, appelé aussi "Conceição", du nom d'une chapelle dédiée à l'Immaculée Conception de la Vierge Marie. Mgr. van Caloen y avait loué pour nous une maison assez spacieuse, qui jadis avait servi de Collège. Elle était sise à l'entrée même du village, dans un vallon assez étroit. L'église paroissiale la dominait d'un côté; au reste, elle était assez isolée et bien conservée.

"Vite on se mit à l'oeuvre pour dresser des tables rustiques et prendre un souper de conserves et de pain, avec un excellent dessert d'oranges qu'on nous avait offertes comme cadeau de joyeuse entrée!

"Ensuite, on fixa, dans une grande salle, nos lits de camp. Ce qu'il y avait de mieux, c'était les chaises, une pour chacun et pour les endroits! C'est dans ce dortoir commun improvisé, que, après la prière du soir, nous allâmes bien fatigués nous coucher. Dom Macaire, le héros du jour, termina la journée sans gloire. En effet, notre sommeil fut interrompu par un craquement, suivi d'une lourde chute sur le plancher: son lit s'était cassé sous le poids du dormeur! Il s'arrangea comme il put, et peu d'instantes après tous s'endormirent dans la paix du Seigneur.

"Le lendemain nous allâmes à l'église paroissiale, où la S. Messe fut célébrée, et Dom Macaire en prit possession comme curé du village. Le frère Joseph (irmão leigo) nous fit un modeste autel dans notre oratoire, et, sans plus de délai, la

vie régulière fut inaugurée au petit monastère: ce fut une grande joie pour tous."

C — AUMENTO DA JOVEM COMUNIDADE

Dom Pedro Roeser, (17) a chamado de Dom Gerardo, veio da Bélgica chefiando um grupo de jovens postulantes que haviam recebido o hábito beneditino, para os mosteiros do Brasil, na Procuradoria de S. André na Bélgica. (18) Chegando a Olinda, Dom Gerardo os mandou logo para Guaramiranga, não só por precaução contra a febre amarela, como para se aclimatarem no Brasil em região saudável, como é o Ceará. O grupo compunha-se de Dom Roeser, que foi nomeado Mestre de noviços, seis candidatos a noviços do coro (19) e dois irmãos conversos. Demoraram em Guaramiranga só alguns meses, pois no dia 1 de Março de 1900 foram mandados para o mosteiro da Baía, para onde fora transferido o Noviciado.

Prossegue Dom Majolo de Caigny nas supracitadas "Memórias":

"Nous eumes le bonheur d'avoir avec nous, pendant quelques mois, Dom Pedro Roeser, plus tard abbé de Olinda. Il vint prendre la direction du noviciat, tandis que je m'occupai des études des jeunes clercs. Malheureusement, peu de temps après, il fut rappelé par Mgr. van Caloen, et se rendit très utile ailleurs.

"Nous eumes aussi la douleur de perdre le bon frère Joseph, notre charpentier. Il souffrait beaucoup de l'asthme, et le climat humide de notre serra ne lui parut pas favorable. Guaramiranga s'élevant à 900 mètres d'altitude, nous ne vivions que trop dans les brouillards et les nuages: rarement nous pumes contempler le beau lever du soleil!

"Nous restâmes donc, finalement, deux moines prêtres, pour le gouvernement du monastère et l'administration de la paroisse. Dom Macaire, très occupé comme curé, ne put guère m'aider dans la communauté. Forcément, je dus apprendre à me multiplier, et j'y réussis un peu, grâce au calme, à l'ordre et la méthode, mettant en pratique la maxime d'or: "age quod agis."

(17) Dom Pedro Roeser, monge de Beuron, é um dos vários sacerdotes europeus que vieram no começo da Restauração para ajudar a Dom Gerardo na sua obra no Brasil. Exerceu vários cargos importantes na Congregação, entre outros os de prior do mosteiro de Olinda e de Abade do dito mosteiro, de 1907 a 1929, ano em que resignou. Reside atualmente no mosteiro de Jundiá, S. Paulo, onde é estimadíssimo e exerce belo apostolado apesar da idade avançada.

(18) Dom Gerardo van Caloen, a fim de obter vocações na Europa para repovoar os mosteiros do Brasil, abriu no começo de 1899 uma residência perto de Bruges, na Bélgica, com o título de Procuradoria Beneditina do Brasil. Os jovens eram experimentados durante alguns meses e, depois de terem dado provas de verdadeira vocação, eram mandados para o Brasil. Essa Procuradoria desenvolveu-se e é hoje a florescente Abadia de Santo André.

(19) Faziam parte do grupo dos candidatos, entre outros: Dom Meinrado Mattman, Dom Henrique Elsmann e Dom Lourenço Lumini.

"Nous n'avions plus qu'un frère convers; le bon fr. André, laborieux et de nature très douce, qui nous rendit beaucoup de services.

"Quant aux clercs, ils étaient douze, et ainsi notre petite famille monastique du Ceará comptait quinze membres. (20) Nous vivions très heureux ensemble, étant un vrai "pusillus grex", désireux de plaire en tout à notre Bon Pasteur, qui, du haut du ciel, veillait sur son petit troupeau. Plus tard, j'ai entendu plus d'un moine affirmer que ce furent les plus beaux jours de leur vie religieuse. Tous n'avaient, en vérité, qu'un cœur et qu'une âme, et la charité embaumait de ses parfums la paix qui régnait parmi nous.

"L'office divin fut organisé le mieux possible. Le dimanche, on chanta la messe conventuelle à l'église paroissiale, ainsi que les Vêpres, suivies de la bénédiction du Très Saint Sacrement. Le peuple prit goût aux cérémonies et chants liturgiques: il fréquenta bien notre église et répondit généreusement au zèle de son dévoué curé.

"Une coutume de ce peuple nous étonna beaucoup: de fort loin ils apportaient, dans des hamacs, leurs malades à l'église pour y recevoir tous les sacrements; et puis, après avoir satisfait à leurs dévotions, ils les rapportaient de la même manière, malgré l'extrême gravité parfois de la maladie! Même la mort ne les effrayait point: munis du secours des derniers sacrements, ils étaient prêts pour le grand voyage de l'éternité!

"Vraiment, la religion reflorissait dans les montagnes et les vallées de la serra de Baturité. Quelle consolation pour nous de voir les excellentes dispositions de ce bon peuple! Le Ceará est une terre foncièrement catholique, où la foi se développe si aisément sous l'action des ministres de Dieu. Plus d'un jeune clerc aspirait à devenir plus tard un moine missionnaire!

"En attendant, il fallait étudier ferme: je poussai les études avec beaucoup de vigueur. Je réussis à en inspirer l'amour à plusieurs; et tous les clercs, en général, récompensèrent mes efforts par une application sérieuse, souvent couronnée de succès véritables. L'Abbé actuel de Bahia (21) se montra très zélé afin que les jeunes moines s'instruisissent, d'une manière solide, dans les diverses branches de la science ecclésiastique.

"Nos promenades, imposées par les Constitutions (22), étaient fort agréables et pleines d'entrain. L'après-midi, surtout, nous pûmes jouir de la beauté de la "Serra": le soleil, d'ordinaire, avait alors chassé les brouillards et dorait de ses

(20) O Noviciado com o "Mestre" foi, como já vimos, transferido para o mosteiro da Baía, mas alguns que entretanto haviam professado aumentaram o clero.

(21) o Abade de então era o próprio Dom Majolo, que foi abade da Baía de 1907 a 1915.

(22) Cada Congregação Beneditina tem Constituições próprias, adaptadas à Regra de S. Bento e aprovadas pela Santa Sé.

rayons les hauts sommets de la montagne. Parfois comme des torrents, de nombreux ruisseaux se précipitent avec fracas par les lits rocaillieux vers la plaine. À travers les forêts ou les champs cultivés, nous suivions les sentiers qui tantôt serpentent le long des flancs de la "Serra", tantôt grimpent jusqu'à ses plus hauts pics, tantôt descendent jusqu'aux plus profondes vallées. La joie, souvent, nous poussait à chanter les louanges du Créateur de toutes ces merveilles de la nature! Et puis tout était si nouveau pour nous; en particulier, rien de plus beau que de voir fleurir les orangers et les caféiers, qu'on rencontrait partout.

"De temps à autre, nous recevions la visite de quelques amis. Un des plus fidèles fut Mgr. D. Xisto Albano, dont la galeté était aussi proverbiale que bruyante. En sa compagnie, je fis, à cheval, une excursion jusqu'à Mulungú, où les Capucins italiens de Canindé avaient une petite résidence. Ces courageux missionnaires venaient de passer par une horrible épreuve. Dans leur mission du Maranhão, tous les pères avec quelques religieuses, pendant la célébration de la S. Messe, furent assaillis par des Indiens qui les massacrèrent horriblement à coups de flèches et de haches.

"Ces sauvages sont parfois exaspérés par les mauvais traitements que des civilisés leur infligent: pour s'en venger ils attaquent les blancs qu'il peuvent surprendre. Ce fait horrible confirme, que, dans leur apostolat, les missionnaires courent de graves risques: la mort les guette sous plus d'une forme, et plus qu'ailleurs il faut toujours se tenir prêt pour le grand voyage de l'éternité.

"À mon retour, je racontai ces affreux détails à nos jeunes clercs: en mission il faut avoir l'âme d'un martyr. C'est dans ces dispositions que j'aimais les élever: car on ne sait jamais ce qui peut arriver. Le Brésil, comme l'Afrique et l'Asie, a sa liste des martyrs de la foi."

D — TRANSFERÊNCIA DA COMUNIDADE PARA A SERRA DO ESTÊVÃO

Continua Dom Majolo, em suas "Memórias":

"Comme je l'ai dit plus haut, Guaramiranga n'était pas le lieu choisi par Mgr. van Caloen pour la fondation définitive au Ceará; cependant, quelques uns pensaient que cet endroit offrait plus d'avantages que partout ailleurs. Toutefois, cette question ne pouvait pas même se poser pour nous: le lieu choisi déjà par notre Supérieur était S. Cruz, dans la serra de S. Estêvão.

"Cette chaîne de montagnes, plus petite et moins élevée que celle de Baturité, se trouve à l'ouest de la ville de Quixadá, à environ 100 kilomètres au sud de Guaramiranga. Je devais étudier les moyens d'opérer notre translation à S. Cruz. Aussi, je profitai de la première occasion favorable pour aller y examiner sur place les mesures à prendre.

"Je descendis la montagne et je passai un jour chez M. le curé de Baturité. C'était la veille du premier vendredi du mois, et je l'aidai au confessionnal; car la dévotion au S. Cœur de Jésus est beaucoup en honneur partout au Brésil. C'est une constatation bien consolante à faire, et qui est bonne sùgure pour ce pays.

"Le lendemain je pris le train pour Quixadá, dont l'excellent curé, Padre Lúcio (23), m'accueillit les bras ouverts. Mgr. van Caloen, dans son voyage au Ceará (em 1899), avait fait une grave chute de cheval, et c'est lui qui l'avait soigné dans son presbytère, véritable hôtel du bon pasteur!

"Quixadá est une des plus chaudes villes du Brésil entier (24). D'énormes rochers nus, qui forment à eux seuls de collines bizarres et escarpées, l'entourent de tous les côtés. Les pluies torrentielles les ayant peu à peu dégarnis de toute terre, ils n'ont aucune végétation pour rafraîchir l'air ambiant: au contraire, ils absorbent les rayons du soleil tropical, et comme de colossaux radiateurs, en répandent toute la chaleur aux alentours. Cependant, fait curieux, des anfractuosités de ces énormes rochers, suinte, en certains endroits, une eau limpide et fraîche, comme je n'en ai guère vu ailleurs.

"Le climat de Quixadá, extraordinairement sec, est recommandé aux tuberculeux: il n'est pas rare qu'ils y trouvent un grand soulagement, même la parfaite guérison. Je l'avais entendu dire, et j'ai eu l'occasion de le constater d'une façon surprenante.

"À l'ouest de Quixadá, environ à 5 lieues de distance (25), s'élève la serra de S. Estêvão. Elle atteint à peine 400 mètres d'altitude et ne mesure guère que 4 à 5 lieues de longueur sur 2 de largeur. S'il n'y fait pas aussi frais qu'à Guaramiranga, par contre l'air y est plus sec.

"Padre Lúcio me fournit beaucoup de renseignements utiles: il me parla du peuple qui habite la Serra et dont il était loin de faire l'éloge; il m'exprima toute sa joie de nous posséder dans sa vaste paroisse, aussi étendue qu'un département de France. Il sentait vivement sa vie de curé de campagne, surtout à cause de son isolement au milieu de tant de gens illettrés: on devient, dit-il "boificado"! Cette expression est difficile à traduire littéralement, boi signifiant boeuf, et ficado étant le participe passé du verbe devenir.

"Après le dîner, nous eumes une conversation prolongée bien avant dans la nuit, sur divers sujets agréables et intéressants. Le bon curé, malgré sa robuste constitution et son âge peu avancé, ne peut suffire à la tâche: sa paroisse pouvait compter près de 30.000 âmes, et il n'avait pas même un coadjuteur! Il se dépensait et s'usait bien vite...

"Le lendemain, je célébrai la S. Messe de bonne heure; et, le bon Padre Lúcio m'ayant arrangé un excellent cheval et procuré un guide, je partis pour S. Cruz afin d'y arriver avant les fortes chaleurs du jour. La route, si l'on peut appeler ainsi le chemin qui conduit à la Serra, n'a rien de clairement défini:

(23) Pe. Antônio Lúcio Ferreira, posteriormente cônego honorário.

(24) Estando D. Majolo há pouco no Brasil e conhecendo apenas algumas das cidades do litoral da Baía ao Ceará, não podia ter noção do clima de outras cidades muito mais quentes. Portanto é falho o seu juízo a respeito do clima de Quixadá.

(25) Aliás fica aproximadamente a 4 léguas de distância.

elle s'élargit, se rétrécit, se divise au moindre obstacle; tour à tour, c'est un sentier, une avenue, un labyrinthe parmi les taillis qu'elle traverse. Bien rares sont les coins de terre cultivés, et à mesure qu'on s'éloigne de la ville, l'on découvre presque plus d'habitations: c'est comme le désert qui commence!

"Au bout de quelques heures, le guide, qui était à pied, parut fatigué; et, m'ayant affirmé que désormais je ne pouvais plus me tromper de direction, que je n'avais qu'à suivre la route tout droit, il s'en retourna. Sans doute, rien de plus aisé pour un "sertanejo"; mais malheureusement, je ne l'étais pas. Je me résignai à mon sort, et sans rencontrer âme vivante, je continuai mon chemin. À droite, je notai une chaumière isolée. Le soleil dardait déjà, presque perpendiculairement ses rayons de feu sur ce désert, et je commençai à souffrir beaucoup de la soif; mais l'espoir d'arriver bientôt me donna du courage.

"Je m'aperçus, à la longue, que la direction de la route devenait incertaine: je ne trouvais pas le sentier pour gravir la montagne, et cependant j'étais au pied de la Serra. Bref, je rebroussai chemin jusqu'à l'endroit où j'avais remarqué la cabane. Heureusement, j'y trouvai une femme, et, mourant de soif, je lui demandai un peu d'eau. De bien bon coeur, je le notai, elle m'apporta dans un verre un liquide ressemblant plus à de la lessive qu'à de l'eau! Pour m'encourager, sans doute, à la boire, elle me dit dans sa simplicité que l'eau était bonne, qu'elle était "azulzinha"! c'est-à-dire, qu'elle avait la couleur bleu d'azur! Je ne le remarquais que trop; mais, pour ne pas lui faire de la peine, j'y approchai les lèvres que je mouillai: malgré toute ma soif, je n'eus pas le courage d'en boire. Je profitai adroitement de la coutume brésilienne: comme si j'en avais pris une partie, je remerciai la bonne femme, tout en déversant le contenu à terre! Je lui demandai le chemin, qu'elle m'indiqua fort bien.

"Je trouvai bientôt le sentier, et je commençai bravement à gravir la montagne, à travers la futaie qui parfois me donna de l'ombre. Plus d'une fois, cependant, exténué de fatigue et de soif, je craignis de tomber de cheval. À cause de cette longue chevauchée, sous le ciel tropical du Ceará, mes yeux de temps à autre se voilaient, me sentant comme pris d'un vertige passager. Au lieu d'arriver vers 11 h., je vis que le soleil avait déjà passé le zénith. Je montai toujours... Enfin, je trouvai une chaumière: j'étais sauvé!

"En effet, j'y vis une femme et une poule: je présimai donc qu'elle avait des oeufs. Aussi, l'ayant saluée, je me gardai bien de lui demander de l'eau, mais je m'enquis si par hasard elle n'avait pas d'oeufs frais. Elle m'en apporta un, que je suçai tout en bénissant Dieu et en remerciant la bonne femme. Je me sentis revivre, à peu près comme Jonathas quand, fatigué à mort, il gouta un peu de miel du bout de son bâton (26).

(26) Porro Jonathas... extendit summitatem virgae quam habebat in manu, et intinxit in favum mellis; et convertit manum suam ad os suum, et illuminati sunt oculi ejus. (I Reg. cap. 14, 27)

"Cette femme, toute joyeuse, m'apprit que cette chaumière appartenait au "Bispo", à l'évêque, c'est-à-dire, à Mgr. van Caloen. J'étais donc arrivé sans le savoir près de l'endroit où nous devions construire notre monastère: j'étais à S. Cruz! Grande fut ma surprise et ma joie. Après m'être fait montrer la route du village voisin, appelé S. Anna, je m'y rendis afin d'y prendre un peu de repas. La distance à parcourir était à peine de 20 minutes.

"Après un frugal repas, qui restaura mes forces, je revins accompagné de quelques villageois pour explorer les environs de la chaumière du "Bispo". Les renseignements me parurent plutôt vagues: valait examiner tout par moi-même en leur compagnie. Après avoir étudié le terrain et les conditions locales, je pus me rendre compte aisément des graves difficultés, qu'au début surtout, nous aurions à surmonter.

"Pour toute habitation, il n'y avait que cette misérable chaumière. Ne vaudrait-il pas mieux faire construire d'abord quelques légers bâtiments, avant d'y amener notre communauté? C'est ce qu'on fait d'ordinaire; mais les circonstances étaient bien différentes à S. Estêvão. Tout bien considéré, je m'arrêtai au projet d'arriver tous ensemble pour construire notre ruche.

"D'après ce plan, je devais compter beaucoup sur l'esprit de nos jeunes clercs; mais, de cette manière, les dépenses seraient bien moindres et les travaux marcheraient plus vite. Or Mgr. van Caloen avait hâte de voir son monastère de S. Cruz achevé; et d'autre part, nos finances étaient assez limitées. Bref, je m'arrêtai à ce projet.

"À en croire Aristote, un courageux commencement équivaut à la moitié de l'oeuvre; mais cette décision n'en pouvait pas éliminer les difficultés. Je retournai à Guaramiranga, et j'exposai la situation d'une façon plutôt optimiste. En maintenant l'esprit de foi dans l'obéissance et la bonne humeur parmi les clercs, j'avais confiance dans le succès.

"Ainsi, je leur expliquai combien l'endroit choisi était ravissant. L'on y jouissait, vers l'est, d'un panorama admirable: toute l'immense plaine autour de Quixadá était sous nos yeux à perte de vue. À l'ouest, il y avait un haut plateau, s'étendant jusque derrière le village de S. Anna, et remontant plus d'une lieue vers le nord. Je pus ajouter que le climat, quoique plus chaud qu'à la Serra de Baturité, était cependant tempéré par la brise assez constante; et surtout qu'il n'y faisait pas humide, comme à Guaramiranga. Je terminai en disant que le bois pour les constructions, n'y faisait pas défaut, et qu'il y avait encore de l'eau dans le voisinage. Il ne convenait pas de semer, par un exposé trop clair des difficultés à vaincre, des germes de découragement au sein de la jeune communauté.

"Je constatai avec plaisir, que, grâce à la ferveur de nos clercs, à leur jeunesse, et, sans doute, à un certain amour à del' extraordinaire, je pourrais marcher de l'avant. J'en conclus que d'entreprendre la fondation dans de pareilles conditions ne serait point agir témérairement, ni exiger trop de nos clercs. Surtout, je mis toute ma confiance en Dieu et dans la sainte obéissance. Mgr. van Caloen

m'écrivit qu'il viendrait nous honorer de sa visite, que les fonds ne manqueraient pas et qu'il désirait voir les travaux poussés avec vigueur: l'hésitation n'était pas possible!"

E — ESTABELECIMENTO DOS MONGES NA SERRA DO ESTÊVÃO OU, COMO
A CHAMAVAM ENTÃO, DE SANTO ESTÊVÃO

Dom Majolo, depois de fazer a descrição de sua viagem de inspecção ao sitio em que se devia construir o mosteiro de Santa Cruz, viagem acidentada e cheia de peripécias, historiada com todos os pormenores, descreve agora, também minuciosamente, a partida dos monges da sua residência provisória de Guaramiranga para a Serra do Estêvão e o estabelecimento da jovem comunidade na sua residência definitiva, onde só havia para os abrigar uma choupana:

"Ce fut à la fin de printemps (28 de Junho de 1900) que notre communauté quitta définitivement Guaramiranga; seul Dom Macaire y resta comme curé de la paroisse (27).

"Grâce à notre extrême pauvreté, nos bagages ne furent pas encombrants: les lits de camp furent pliés sur le dos des mulets, ainsi que les chaises, quelques livres et d'autres menus objets. Chacun prit son petit paquet de vêtements, et nous descendîmes la montagne à pied jusqu'à la gare de Baturité: bientôt le train nous emporta à Quixadá.

"Nous y passâmes la nuit au presbytère du Padre Lúcio. Un repas frugal, assaisonné d'une agréable causerie, disposa chacun à dormir où et comme il pourrait; la maison était petite, mais les lits de camp s'y accommodèrent finalement.

"Le lendemain, après la célébration de la S. Messe, nous nous mîmes en marche vers la Serra de S. Estêvão, objet de tous nos vœux! Des muletiers avec les bagages nous avaient déjà précédés. Au moment de partir, j'achetai une chèvre avec son petit: son lait servirait à blanchir un peu notre café à S. Cruz. Une chèvre mange tout et se loge partout; car, pour le moment, il ne pouvait pas être question d'y avoir des vaches.

"Cette marche forcée ne ressemblait pas à une promenade; mais personne ne perdit son entrain, et la gaieté fut générale. Il fallait bien tromper la pauvre nature humaine! J'ai toujours cru au conseil du P. Faber que le maintien de la bonne humeur aide beaucoup celui de la ferveur dans une communauté.

"Nous arrivâmes sans incident notable à la fameuse chaumière du "Bispo"! Nous y fîmes notre campement. Cette hutte avait une porte, mais pas de fenêtres: deux y furent fabriquées en un clin d'oeil. Il suffit de percer deux trous dans les parois d'argile! On plaça quelques lits dans la cabane pour les faibles ou peureux! les autres dormirent dehors, à la belle étoile. Comme il faisait chaud et sec, il

(27) Pouco depois Dom Macário deixou a direcção da paróquia e foi juntar-se à comunidade em Santa Cruz.

n'y eut guère d'inconvénient: au contraire, ce fut plus frais. Pour tables, on se servit de quelques mauvaises caisses, et nous primes notre repas, composé de conserves et de biscuits, achetés à Quixadá.

"Après la prière du soir, faite à la lumière d'une petite lampe à pétrole, tous dormirent bien, grâce à la fatigue dont tous étaient exténués.

"Le lendemain, au réveil, l'on plia les lits en peu d'instants, et avec les caisses on fit un petit autel; pour la première fois, notre doux Sauveur y daigna descendre: c'était un Bethléem d'un nouveau genre! Après la S. Messe, il fallait défaire l'autel, en faire des tables et préparer le petit déjeuner. Il va sans dire, que pendant plusieurs semaines nous eumes à répéter toutes ces manoeuvres, et cela plusieurs fois par jour; mais on s'y accommoda gaiement.

"Frère André fut notre cuisinier improvisé (28), sous la direction d'un des clercs qui révéla quelque talent culinaire: personne ne s'en plaignit. L'eau était précieuse, il fallait la chercher dans la forêt voisine, où il y avait une source formant un petit réservoir. Malheureusement, le public dut s'en servir aussi, et cela pour divers usages. Mais grâce au café et au lait de la chèvre, elle perdit sa couleur et son goût; et quand plus tard elle nous fit défaut, l'on se mit à la regretter!

"Ce qu'il y avait de plus urgent à faire, ce fut construire des cabanes provisoires, afin de nous loger d'une manière un peu confortable. Les villageois, que, dès notre arrivée, j'avais invités pour ces travaux, se présentèrent en bon nombre. Mais, connaissant leur manque d'initiative et d'organisation, non moins que leur paresse innée, j'arrangeai les divers travaux et je les fis surveiller par nos clercs. Ceux-ci m'aidèrent admirablement!

"Aussi, préparer et aplanir le terrain, abattre des arbres et en arracher les souches, apporter les bois et les lianes pour en lier les branches, pétrir l'argile et couper les feuilles des palmiers pour en couvrir les toits, tout s'exécuta, grâce à la surveillance des clercs, avec une étonnante rapidité, à la grande surprise des ouvriers eux-mêmes!

"Il va sans dire que les études restaient suspendues: "primum vivere, deinde philosophare", c'était bien le cas de se rappeler ce proverbe! La vie régulière pendant plus d'un mois que durèrent ces constructions indispensables, fit presque totalement défaut; mais, en compensation que de sacrifices pénibles pour la nature, je dirais presque d'héroïsme de la part de nos jeunes clercs! Vraiment, Mgr. van Caloen n'avait pas trop présumé de ses moines de S. Cruz: j'étais fier d'eux et satisfait de les voir à l'oeuvre, chaque jour joyeux et contents! Et j'en bénis Dieu du fond de mon coeur.

"Au début de ces travaux, nous reçûmes, le 11 juillet 1900, la visite de Mgr. van Caloen. Il logea dans une maison du village de S. Anna, et passa une

(28) Irmão André Riehle, irmão converso, residiu durante alguns anos em Santa Cruz, passando depois para a abadia de São Paulo, onde veio a falecer a 26 de Junho de 1950.

huitaine de jours au milieu de nous. Il nous apporta des fonds, nous donna ses avis, et, appelé ailleurs par des devoirs urgents, il partit en nous bénissant avec une joie toute paternelle. À n'en pas douter, S. Cruz était le Benjamin de son cœur! Cette fondation — chacun put le constater — était un de ses rêves chéris. Aussi, sa visite nous combla de consolation et nous remplit d'un nouveau courage. Le 16 il nous quitta.

"La modeste chapelle et deux rangées de cellules furent enfin terminées. Quelle joie d'occuper de nouveau une cellule, une cellule d'argile et couverte de feuilles de palmiers! C'était si poétique et pauvre à la fois! L'argile n'était pas encore bien sèche, mais elle ne tarda pas à l'être et se crevassa bien vite. Un matin, quel ne fut l'étonnement d'un clerc en apercevant un serpent dans l'une de ces crevasses! Il s'y était allongé pour prendre son repos!

"D'autres fois, nous eumes pour hôtes des araignées d'une grosseur aussi phénoménale que repoussante. Des scorpions se trouvaient partout, sans parler d'autres insectes malfaisants, qui abondent aux tropiques; mais, on finit par s'y habituer, au point de ne plus y penser. D'ailleurs, chacun porte la médaille de N. P. S. Benoît: il protégera ses enfants, plus encore que les fidèles qui montrent tant de confiance en lui.

"N'était-ce pas le cas de se rappeler l'hymne qu'à la fête du 13 novembre nous chantons aux premières Vêpres en l'honneur des Saints de notre Ordre?

Avete, solitudinis
 Claustrique mites incolae

 Vobis olus cibaria
 Fuere vel legumina,
 Potumque lymphæ præbuit

 Vixistis inter aspidēs

 Rebus procul mortalibus
 Mens avolabat fervida...!

"L'on verra bientôt que, pour de longs mois, même les "olus et legumina" disparurent de notre table: et quant à la "lymphæ", son absence fut un vrai martyre.

"Notre grand bonheur, ce fut d'avoir notre chapelle pour y loger notre doux Sauveur dans son pauvre sanctuaire, et de pouvoir, en son adorable présence, chanter de nouveau les louanges de l'Auguste Trinité! Depuis lors, le S. Office ne fut plus interrompu.

"Les fidèles aussi fréquentaient notre chapelle pour y prier, entendre les instructions du dimanche et recevoir les saints sacrements. Ainsi, la vie de moine et d'apôtre, s'harmonisèrent à S. Cruz, à la grande joie, à l'édification de tout le monde.

L'ensemble des constructions provisoires formait un carré avec passage libre aux 4 angles. On n'y était pas mal, à l'exception des toits. Des tuiles venaient de remplacer les feuilles de palmier. Un ouvrier nous en avait fabriqué, affirmant qu'elles étaient fort bonnes. Cependant, elles ne nous offraient, au début, qu'un faible abri contre la pluie. La raison en fut, paraît-il, qu'il leur manquait encore le coeur! "o coração?"... Mais, il se formerait peu à peu, et grâce à ce coeur, les tuiles se durciraient! En attendant, quand il pleuvait, on n'avait qu'à changer ses meubles de place dans sa cellule, ou à se couvrir à l'aide du parapluie. Ce n'était guère commode, surtout pendant la nuit! Déplacer, au gré de la pluie, sa table, son lit, etc.... D'aucuns préféraient dormir avec le parapluie ouvert, pour protéger leur tête et la poitrine! Bref, chacun s'ingénait à trouver une solution pratique. Entre-temps, la meilleure fut encore de prendre la chose en plaisanterie, et de vivre d'espoir: le coeur se formerait bientôt! De fait, la prophétie de notre ouvrier se réalisa.

"Malgré tout ce manque de confort, la santé de tous, en général, resta bonne.

"Ainsi se termina la première période des ces grands sacrifices de cette nouvelle fondation, bien digne de son mom. J'en arrive à la seconde, qui la dépassa de beaucoup: ce fut vraiment "Santa Cruz!"

III — A S E C A (29)

A — P R Ó D R O M O S

Continúa Dom Májolo:

"J'avais déjà formé le projet de pousser au plus vite les constructions définitives de notre future abbaye. À la proximité de nos chaumières, il y avait une légère élévation de terrain assez vaste pour l'ensemble des bâtiments nécessaires. Les plans étaient faits, le terrain était déblayé, et les travaux commencèrent.

"Mais nous entendîmes, non sans inquiétude, les villageois parler des signes avant-coureurs de la terrible sécheresse, qui périodiquement, désole le Ceará: "signa temporum" (Math. XVI, 4). C'était une des études principales de ces montagnards, et ils ne se trompaient guère. Aussi, je suspendis les travaux pour pousser davantage la construction de l'açude: c'est le nom qu'on donne aux grands réservoirs d'eau faits artificiellement pour se prémunir contre la sécheresse.

"On capte de l'eau d'une vallée, en élevant un barrage à l'endroit le plus étroit. Or, près de nos chaumières, au sud-ouest, il y avait une vallée se rétrécissant

(29) O ano de 1899, em que D. Gerardo van Caloen foi ao Ceará à procura de um lugar apropriado à fundação de um mosteiro, foi de muita chuva e grande abundância; mas o ano seguinte (1900) foi de pouca chuva ou de seca, como se diz; ano de escassez de generos alimentícios, portanto de miséria para os cearenses, sobretudo para a população sertaneja.

dont nous profitâmes. Pour plus de sûreté, je consultai un ami de Quixadá, grand propriétaire et très au courant de ces travaux. Il vint à S. Cruz pour nous donner sur place tous les renseignements nécessaires. Plus d'une fois, il fit l'inspection de cette importante construction commencée sous ses ordres. La digue avait 10 mètres de largeur à la base, et devait s'élever au moins à 6 mètres de hauteur. Quel beau, quel utile lac artificiel nous posséderions bientôt!

"À défaut de chariots, l'on se sert de larges peaux d'animaux, sur lesquelles on jette la terre pour la faire transporter par des boeufs à l'emplacement du barrage. C'est un procédé assez lent; mais en poussant le travail, grâce aux clercs, la digue s'éleva à temps pour capter l'eau de l'arrière-saison des pluies.

"À côté de l'açude nous fîmes de grandes plantations, surtout de bananiers. En aval du barrage l'on aménagea le jardin potager. L'arrosage se ferait par des canaux artificiels. Que de beaux plans! Et quoi de plus consolant? La pluie tombait, le réservoir se remplissait, les légumes poussaient! En un mot, les mauvais jours paraissaient définitivement passés...

"Hélas! Nous avions compté sans un ennemi aussi minuscule que dangereux: la fourmi! Il faut aller aux tropiques pour comprendre ce qu'elle est capable de faire. Je me suis mal exprimé: notre conseiller et ami en connaissait le danger. Et pour s'en garantir, il avait ordonné de faire creuser un profond canal à l'endroit même où la digue devait s'élever. Ensuite, il le fit combler par une argile spéciale pour fermer tout passage aux fourmis. Bref, toutes les mesures contre ce danger avaient été prises.

"Mais un jour, — oh! jour inoubliable et néfaste! on vint me dire que l'eau commençait à suinter derrière l'énorme barrage! À mon arrivée, je ne pus que constater le désastre: l'eau s'échappait déjà à jet continu! En vain se servit-on de tous les objets disponibles pour obstruer la voie d'eau, qui s'élargissait à chaque instant. Des sacs de sable qu'on y lançait, ne purent à peine que faire dévier un peu l'eau s'écoulait avec furie et se creusait aussitôt un autre passage.

"En amont du barrage, des plongeurs cherchèrent la voie d'eau pour la fermer: ils crurent l'avoir trouvée! Mais ce fut une nouvelle déception: tous nos efforts furent stériles. Notre beau lac diminuait à vue d'œil! Et, plus malheureux que Perrette et son pot au lait, nous restâmes les spectateurs fatigués et attristés de la catastrophe!

"Quand l'açude fut à peu près vide, on trouva, presque à 200 mètres en amont, la cause du désastre: le chemin creusé par les fourmis! Il passait plus profondément sous la digue qu'on ne l'eut soupçonné. En effet, l'on n'a pas d'idée de ces conduits souterrains, qu'à grandes distances, les fourmis construisent avec beaucoup d'art pour se protéger et dépister leurs ennemis. Nous en fûmes les victimes. Dieu, sans doute, le permit pour éprouver notre patience. Le lecteur verra bientôt à quel degré nous dumes l'exercer! La saison des pluies touchait à sa fin et l'été s'annonçait exceptionnellement sec.

"Tout le monde connaît, au Brésil par les descriptions qu'en donnent les

journaux, les livres scientifiques et les romans, les sécheresses périodiques du Ceará. Quand elles se produisent, des milliers d'habitants émigrent pour ne pas mourir de faim et de soif. Toute la région devient, à la lettre, une terre déserte, sans eau: "terra deserta et inaquosa" (Ps. 62). Le psalmiste, en s'exprimant ainsi, n'avait en vue sans doute que le désert de l'Arabie, mais que dire du Ceará? Le soleil brûlant dessèche, en peu de temps, toutes les rivières, jusqu'à en tarir même les sources! L'herbe grillée n'offre plus de paturage aux animaux: pauvres bêtes, elles meurent par milliers! Les arbres perdent leur feuillage, comme si l'hiver boréal y avait passé! C'est la désolation générale...

"Des charognes partout: c'est l'époque sinistre des banquets plantureux des chiens et des urubús, qui s'en disputent les derniers lambeaux. Les miséreux, qui n'ont pas émigré, se nourrissent de tout ce qui tombe sous leurs mains: rats, souris, tout y passe! Il faut en avoir été le témoin pour s'en faire une idée exacte (30).

"Je savais tous ces affreux détails pour en avoir lu les descriptions effroyables: pour en avoir entendu les récits navrants.

"Aussi n'étais-je pas sans une grave appréhension pour notre chère communauté. La santé de nos clercs y résisterait-elle? Leur courage moral ne faiblirait-il pas? Chez l'un ou l'autre, je ne pus m'empêcher de constater un air de découragement. Je n'avais plus qu'à émigrer, ou à m'abandonner en toute simplicité et confiance entre les bras de notre Père céleste: que décider? que faire?...

"Dans ces circonstances pénibles, l'exemple de notre Patriarche S. Benoît sert de lumière et d'encouragement. N'exige-t-il pas de ses moines de ne pas douter de l'abondance même aux jours de l'indigence, même au milieu des plus graves privations? Des miracles confirmèrent son enseignement, et S. Grégoire ajoute que ses disciples comprirent la leçon: "fratres didicerunt jam de abundantia nec in egestate dubitare" (S. Greg. Dial. L. II, cap. 21). J'en pris mon parti: aide — toi et le ciel t'aidera; la divine Providence, grâce à l'intercession de notre Bienheureux Père, nous protégerait: nous restâmes!

"La source, où nous puisions de l'eau dans la forêt voisine, ne tarda pas à sécher. Pour avoir un peu d'eau, force nous fut d'en chercher à l'açude public de Quixadá! Chaque jour il fallut descendre la montagne et, à plusieurs kilomètres de distance, remplir quelques barils, que nos ânes et mulets portaient péniblement au monastère. Il va sans dire que la ration d'eau pour chacun était minime; et

(30) Dom Majolo assistiu no Ceará à seca de 1900 que, aliás, não foi das piores, mas bastante impressionante para o europeu há pouco chegado ao Brasil. Hoje felizmente, com as obras de açudagem, o prolongamento das estradas de ferro e as de rodagem, a situação mudou sensivelmente e as secas, embora de consequências muito graves, não têm contudo os efeitos que tinham há cinquenta anos atrás.

pour la rendre potable, il fallait la faire bouillir et puis la mêler avec un peu de café. Vraiment, c'était pire que le cas des Juifs: "aquam nostram pecunia bibimus" (Jerem. Th. V, 4).

"Plus de légumes pour de longs mois! Souvent le bon frère André venait me questionner s'il n'y avait rien pour varier le menu: de grosses fèves, du riz, et de la viande séchée au soleil. Toujours la même chose, à peu près. Je lui dis parfois avec un sourire plutôt triste: "vous donnerez, à midi, de la viande, des fèves et du riz; et le soir, vous donnerez du riz, des fèves et de la viande!" Le pain était rare; on se contentait de biscuits.

"Les santés souffrirent de ce régime de privations; plusieurs eurent un malaise intestinal, produit surtout par de petits vers. Cependant rien de grave ne vint nous alarmer davantage.

"Parfois un nuage se forma à l'horizon: vite, on accourut de tous côtés avec des barils, des vases, tout ce qu'on avait de disponible pour recueillir la précieuse eau du ciel; mais, vain espoir! Je compris alors mieux la parole de l'écriture, comparant l'homme qui ne tient pas sa promesse à un nuage qui passe sans répandre sa pluie: "nubes et pluviae non sequentes, vir promissa non complens" (Prov. XXV, 14).

"Que de fois, en passant près de notre açude desséché, n'eus-je pas à conclure de la stérilité du travail de l'homme en lutte contre la nature, que, dans son orgueil, il croit avoir domptée et assujettie à ses lois! Un rien suffit pour qu'elle prenne une terrible revanche. De là tant d'accidents, malgré les progrès de la science moderne.

"Mais, ce qui m'affligea surtout, ce fut la misère publique de nos pauvres montagnards. J'avais quelques fonds; et, Mgr. van Caloen désireux de voir la fondation s'achever au plus tôt, m'en avait promis davantage. Je recommençai donc les travaux de construction, que je poussai sans relâche, pour donner ainsi du pain à nos villageois. Hommes, femmes et enfants même y furent employés. Chacun avait sa besogne de maçon, de charpentier, de manoeuvre. Leur nombre dépassa la centaine; et ainsi toutes les familles purent subsister. Des enfants gagnaient quelques sous, en portant des briques, une à une, ou du sable, ou de la chaux en de petits paniers! Aussi, la joie et l'espérance revinrent à la Serra de S. Estêvão. Personne ne songea plus à émigrer. J'eus le grand regret d'avoir à refuser du travail aux pauvres gens, qui venaient m'en demander d'autres localités.

"Un autre chagrin non seulement m'affligea, mais m'indigna encore davantage. Deux ouvriers, dans le village de S. Anne, exploitèrent la misère publique. Grâce à ce genre de commerce, ils maintenaient le peuple dans une sorte d'esclavage. J'eus beau les avertir, d'abord charitablement, de leur conduite peu chrétienne, ensuite publiquement avec sévérité et menace d'agir à mon tour. Ils n'en tinrent aucun compte, se croyant les plus forts et les plus habiles. Enfin, las d'attendre, je pris une mesure radicale. J'ordonnai à notre agent à Fortaleza de nous expédier immédiatement, par le train, tout ce dont le peuple avait besoin en fait de vivres, de vêtements et d'autres objets de première nécessité. Au monastère, un grand

depôt fut préparé pour emmagasiner tous ces articles de commerce. Le dimanche suivant, au prône, j'annonçai à la population de S. Anne, que désormais le monastère lui fournirait aux prix d'achat tout le nécessaire pour vivre. Ce fut comme un coup de foudre! Le peuple était au comble de la joie, se voyant enfin délivré des griffes des deux ouvriers. On dit qu'ils m'en voulurent beaucoup; mais ils n'arrivèrent jamais à des voies de fait: ils craignaient trop le peuple!

"Cette nouvelle se répandit partout. Des journaux du pays et de l'étranger se servirent de ce fait pour prouver que les moines sont encore de nos jours, comme ils l'ont été dans le passé, les sincères et vrais amis du peuple.

"Cependant, je vis avec effroi nos ressources financières diminuer rapidement, sans que le secours promis ne vint équilibrer notre budget. Il fallait donner du travail à tous ces pauvres, mais à condition de les payer sans délai. Je criai notre détresse au vénérable Abbé Général, qui, de 19 novembre 1900, avec une lettre fort encourageante, m'envoya quelque argent.

"Heureusement, à la veille de me voir forcé de congédier nos ouvriers, le gouvernement fédéral de Rio de Janeiro, ému de la clameur publique, ordonna la reprise des travaux au grand açude de Quixadá. Sans retard aucun, je m'entendis avec les autorités, qui de bon gré, enrolèrent presque toute notre population: grâce à Dieu, elle était sauvée!"

B — DOM MAJOLO DEIXA O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ

São ainda expressões de Dom Majolo:

"Après une semaine de vacances, la vie d'étude et de travail reprit son cours normal au monastère. L'année 1901 s'annonça sous les meilleurs auspices. Les premières pluies tombèrent avec abondance; et, bientôt, comme touchée par une verge magique, toute la montagne se couvrit de verdure: les arbres d'un beau feuillage et la terre d'herbe tendre!

"Je me rappelle si bien qu'on s'empressa, en guise de laitue, de couper une certaine qualité d'herbe, qui jusqu'alors n'avait pas reçu les honneurs de la table! Il faut avoir passé par la sécheresse pour la comprendre et apprécier les dons de Dieu...

"Les constructions aussi firent du progrès: déjà l'église s'élevait à mi-hauteur des fenêtres, et une aile du monastère laissa deviner les belles proportions de l'ensemble. En attendant, l'on vivait heureux dans les pauvres cellules d'argile, et je pense que plus d'un ne les quitterait plus tard regret. La pauvreté pratiquée aimée produit toujours le vrai bonheur.

"Les études aussi recommencèrent avec nouvel entrain. Des thèses publiques eurent lieu, à la satisfaction générale. Je ne dirai pas qu'elles furent d'une Université; mais, néanmoins, elles prouvèrent les efforts sérieux de nos jeunes clercs.

"La joie était revenue, pleine et franche: l'avenir parut si rose! Et cette année, la fête de pâques correspondait si bien au sentiment général: c'était une

vraie resurrección à S. Cruz, comme dans tout le Ceará. Même des vocations s'annoncèrent; mais la place nous faisant encore défaut, force nous fut d'envoyer ces jeunes gens dans les abbayes du sud du Brésil. Ainsi l'espoir de Mgr. van Caloen eut un commencement de réalisation.

"Notre açude aussi se remplit d'eau; et en aval, le jardin potager nous enrichit de ses légumes. Plus bas encore, une rizière, bien arrosée, nous promet de beaux épis, trop convoités par les oiseaux.

"Enfin, nous plantâmes des arbres à caoutchouc, des cotonniers et des cocotiers, sans parler d'une grande quantité de bananiers. Dans nos verts paturages, nous eumes, au lieu d'une chèvre, plusieurs vaches qui nous fournissaient leur lait précieux. Aussi la santé de nos clercs ne laissa plus rien à désirer.

"Visiblement, la bonne Providence, après la dure épreuve, nous combla paternellement de ses plus riches dons. Ce fut alors que le Revme. Père Abbé-Primat, Dom Hildebrand de Hemptinne, m'écrivit de Rome, à la date du 9 mai: "Je vous remercie des détails que vous me donnez sur S. Cruz, et qui permettent d'espérer un heureux avenir pour cette fondation. Daigne le Seigneur exaucer nos prières et récompenser vos sacrifices."

"Mais..., cette situation était devenue trop belle et trop bonne pour moi! Vers le milieu de juin, à ma grande surprise, je reçus un télégramme de Mgr. van Caloen me rappelant à Olinda, où je trouverais ses instructions. J'avoue que ce fut un rude coup que je reçus au coeur. (31) J'aimais le Ceará et son peuple de toute l'ardeur de mon âme demissionnaire; j'aimais surtout S. Cruz, où j'avais tant souffert. J'aimais spécialement ce monastère à cause de sa solitude, de son climat, de son beau site. Jamais ici-bas, n'aurais désiré vivre ailleurs.

"En effet, loin des grandes villes, au haut d'une belle montagne, comme notre Père S. Benoit au Cassin, c'était pour moi une fondation idéale, malgré certains inconvénients, dont la gravité avait atteint son degré le plus aigu pendant les premiers mois de son existence. Or, ces temps étaient passés, et j'avais l'espoir fondé de pouvoir y remédier à l'avenir.

"Mais..., la voix de l'autorité s'était faite entendre! Je préparai les malles; et, au milieu des feus de joie allumés partout dans la vaste plaine autour de Quixadá, en l'honneur de S. Jean-Baptiste, si vénéré au Brésil, je descendis la montagne et je fis mes adieux au cher Ceará, que je ne devais plus revoir!..."

Foi Dom Majolo de Caigny o pioneiro da fundação de Santa Cruz. À frente de pequena comunidade, composta de jovens monges que havia pouco tinham professado, é mandado pelo seu abade para o interior do Ceará a fim de fundar

(31) Dom Majolo foi chamado para, com o título de Prior, fazer companhia ao velho Abade Dom João das Mercês Ramos, na Abadia do Rio de Janeiro, e preparar o terreno para a restauração da vida monástica nessa importante abadia, restauração esta a que se opunha terminantemente o velho Abade. Antes, porém, foi à Europa.

um mosteiro em sítio agreste, no cimo de uma serra de difícil acesso, distante cerca de quatro léguas da cidade de Quixadá, tendo, ao chegar, para abrigo de doze religiosos, apenas uma miserável choupana que mal comportava cinco ou seis pessoas. Mas Dom Gerardo van Caloën conhecia os seus monges: sabia o quanto podia deles exigir. E não se enganou!

Como vimos na exposição clara e minuciosa de Dom Majolo, os primeiros tempos, sobretudo os primeiros meses, foram duros, difíceis, atingindo a dedicação e constância dos monges às raias do heroísmo; mas foram todas as dificuldades e privações vencidas com coragem e alegria, o que mostra o bom espírito da jovem comunidade, como o próprio Dom Majolo mais de uma vez faz menção.

O nome de Dom Majolo Caigny ficou assim assinalado como marco indelével na história da fundação do mosteiro de Santa Cruz da serra do Estêvão.

Era Dom Majolo estimado e apreciado pela família cearense, não só de Quixadá e Baturité como de Fortaleza, pela sua cultura, virtudes e dotes naturais de bondade e afabilidade. Monge de vida interior e versado em espiritualidade, era bastante procurado como diretor de almas. Possuía também o dom da palavra: era bom pregador. Costumava ilustrar os seus sermões com passagens da vida dos Santos.

Ao retirar-se Dom Majolo de Caigny para os mosteiros do sul, substituiu-o no governo do mosteiro Dom Maurício Prichzi, recém-chegado da abadia de Olinda.

C — O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ SOB O PRIORADO DE DOM MAURÍCIO PRICHZI E SEUS SUCESSORES

Ao assumir o árduo cargo de superior da nova fundação, Dom Maurício imprimiu nos actos de seu governo os dotes da sua inteligência esclarecida e de seu temperamento dinâmico. Monge ainda bastante moço, dotado de uma vontade férrea, empreendedor e de vistas largas, não só fez prosseguir as obras de construção do mosteiro e da igreja, começadas por Dom Majolo, como lançou os fundamentos de um grande prédio para um colégio, "com o intuito de auxiliar a manutenção da comunidade, e também atender a uma aspiração dos quixadenses" (32).

Concluídas as obras do Colégio no primeiro trimestre de 1903, foi inaugurado no dia 3 de maio. "O edifício do Colégio tem a forma de um quadrilátero internamente circundado de alpendres que comunicam o pátio central com as diversas dependências: refeitório, dormitórios, salas de aulas e de reuniões. Cada uma delas por sua vez recebe arejamento e iluminação directa através de renques de janelas abertas para a face externa da construção, deixando ver a paisagem serrana, que é sempre um regalo para os olhos" (33).

(32) José Bonifácio de Sousa — Serra do Estêvão — in "Revista do Instituto do Ceará", tomo LXI — ano LXI — 1947, pág. 12.

(33) Obra cit. pág. 13.

O Ginásio de São José — como se chamou o Colégio — foi equiparado ao Ginásio Nacional e gozou de merecido renome, não só no Ceará como nos Estados vizinhos, pelo esmero com que era administrada tanto a formação intelectual como a moral e religiosa, aliada à prática de esportes e mesmo ao cultivo das artes (34). As principais famílias confiavam a educação dos filhos à sábia direcção do Reitor, Dom Maurício Prichzi, que era a alma de todas as atividades do mosteiro. Prior, director dos estudos superiores (eclesiásticos) dos clérigos aos quais lecionava teologia, reitor do Ginásio e professor de alemão, aritmética e desenho, dirigia ainda as obras de construção do mosteiro e estava sempre presente aos atos de comunidade. Achava Dom Maurício tempo para atender a tudo e a todos com interesse e bondade sem conhecer cansaço e enfado.

Durante os sete anos de existência do Ginásio de São José, várias turmas de jovens receberam o diploma de bacharel em ciências e letras e muitos deles têm ocupado posição de destaque na sociedade. E quando, por circunstâncias especiais, foi fechado em Dezembro de 1909, grande foi o pesar em todo o Ceará. Segundo o testemunho do Dr. José Bonifácio de Sousa, ex-aluno desse educandário, foi “o Ginásio de São José um dos mais famosos centros de instrução secundária que já possuiu o Ceará, quicá o norte do País” (35).

Em vista da urgência da construção do Colégio, as obras do mosteiro ficaram atrasadas. Só em Dezembro de 1906 foram concluídas e assim pôde o mosteiro definitivo ser inaugurado no Natal daquele ano. O todo forma um conjunto harmonioso, tendo a igreja no centro e ao lado direito o Ginásio e ao esquerdo o mosteiro. A igreja é aliás pequena para uma abadia beneditina; teria sido certamente aumentada no decorrer dos anos com o aumento da comunidade.

“O mosteiro” diz o Dr. José Bonifácio de Sousa (36) — “é constituído de dois pavimentos iguais, divididos em compartimentos isolados entre si e guarnecidos de amplas janelas envidraçadas que dão para o exterior. Ao longo de todo o edifício, e em cada andar, espaçoso claustro banhado em cheio da luz e do ar da montanha, põe em comunicação as diversas dependências internas. Na parte superior estavam localizadas a sacristia, contígua à capela (igreja) (37), a biblioteca com seus 5.000 volumes, a sala capitular e diversas celas... Em baixo (no andar térreo), a portaria, o refeitório, com copa e cozinha anexas, e outras tantas celas. Do lado dos claustros, amplo terreno murado, misto de jardim e pomar, além de flores e frutos, propiciava repouso e bem-estar”.

Em 1903 foi o mosteiro elevado à categoria de abadia, mas continuou a ser governado por um Prior de nomeação do Abade fundador, Dom Gerardo van Caloen. Só em 1911 teve abade próprio.

(34) Cfr. Ob. cit. pág. 14.

(35) Obra cit. pág. 14.

(36) Idem, pág. 13.

(37) Por causa do declive do terreno, o andar superior do antigo mosteiro está no nível da igreja.

O mosteiro de Santa Cruz sob a gestão do seu dedicado e incansável prior, Dom Maurício Prichzi, havia atingido tal grau de prosperidade que Dom Gerardo, como abade fundador, tinha em mente, como êle mesmo o disse ao autor deste trabalho, apresentar à Santa Sé o nome de Dom Maurício para seu primeiro abade. E ele certamente o teria feito quando em maio de 1907 pediu à Santa Sé nomear abades para os mosteiros de Olinda e de São Paulo, uma vez que a comunidade de Santa Cruz já se havia instalado no mosteiro definitivo. Deus porém não o permitiu, chamando a si Dom Maurício Prichzi a 13 de Janeiro daquele ano para, em vez de uma mitra abacial, receber a coroa de glória com que Ele recompensa os seus fiéis servos!

Dom Maurício teve contudo o imenso prazer de ver concluídas as obras do mosteiro. Na vigília de Natal de 1906 benzeu a nova residência da comunidade, designou os lugares regulares de clausura, deu aos monges, como precioso presente de Natal, celas amplas e confortáveis. Assim puderam os religiosos festejar o nascimento do divino Infante não mais nos antigos tugúrios, mas no novo e belo mosteiro, aspiração de todos durante sete longos anos de sacrifícios e expectativa.

Podemos dizer, humanamente falando, que, dado o grande amor que tinha Dom Maurício a sua comunidade, ao mosteiro e ao Ceará, o prestígio e a estima de que gozava na sociedade cearense, os seus dotes de inteligência e de força de vontade e seu tino administrativo, se tivesse vivido mais uns vinte e cinco a trinta anos, hoje a antiga abadia de Santa Cruz seria talvez uma das mais florescentes da Congregação. Deus não o quis. Altos desígnios do Senhor!

A morte de Dom Maurício feriu profundamente o coração de Dom Gerardo van Caloen, como é testemunha quem escreve estas linhas. A comunidade do mosteiro de Santa Cruz era então composta de monges ainda bastante moços; os sacerdotes mais antigos tinham apenas três anos de ordenação. Daí a grande preocupação de Dom Gerardo em encontrar um monge experimentado e com dotes administrativos que pudesse continuar a obra de Dom Maurício. Nomeou então Dom Amaro van Emelen, que ocupava o cargo de Prior do mosteiro do Rio de Janeiro. Durante o seu curto governo, de pouco mais de um ano, o novo Prior não só assumiu o cargo de reitor do Ginásio de São José como fez algumas obras, salientando-se a ampliação da cisterna já existente, de modo a recolher toda a água pluvial dos telhados do mosteiro e do Ginásio. Elevada por meio de bomba para depósitos sob o tecto dos edifícios, daí era canalizada e distribuída para as várias dependências e serventias da Abadia e do Ginásio. Quando cheia a cisterna, nos anos de chuvas abundantes, havia água bastante para a serventia durante cerca de dois anos de chuvas escassas. Essa obra foi de grande utilidade para o mosteiro, sobretudo nos anos de pouca chuva.

Voltando Dom Amaro van Emelen em Abril de 1908 para os mosteiros do Sul, foi então nomeado para novo prior Dom Bonifácio Jansen, actual abade do mosteiro de Olinda e um dos jovens monges do primeiro grupo da fundação de Santa Cruz. Sob o seu governo continuaram sem alteração os trabalhos tanto do

mosteiro como do Ginásio. Entretanto, havendo na comunidade quem opinasse pelo fechamento do Ginásio, dado o pequeno número de monges e a dificuldade de obter professores leigos, e ainda a ameaça de o Ginásio perder a equiparação oficial com a nova reforma do ensino, Dom Gerardo van Caloen encarregou seu Abade Coadjutor, Dom João Crisóstomo de Saegher, de assumir o governo do mosteiro e estudar in loco a questão. Dom Crisóstomo chegou a Santa Cruz em fevereiro de 1909 e, tendo considerado os prós e os contras, decidiu-se, de acordo com parte da comunidade, pelo fechamento do Ginásio, o que se realizou ao encerrar-se o ano lectivo de 1909.

O povo cearense sentiu o fechamento desse educandário, que nos sete anos de sua existência havia conquistado inteira confiança dos pais de família pela eficiência da formação tanto intelectual como moral e religiosa dos alunos. "Equiparado ao Ginásio Nacional — escreve o citado Dr. José Bonifácio de Sousa — o estabelecimento em apreço chegou a registrar uma matrícula de centenas de alunos provindos dos diferentes Estados do septentrião brasileiro, e preparou para as lides da inteligência e para a vida prática várias turmas de jovens providos de sólida base cultural, de tal modo que ainda hoje constitui recomendação honrosa o diploma de bacharel em ciências e letras expedido pelo extinto Ginásio de São José. Muitos dos seus ex-alunos conquistaram e desfrutaram posição de relevo nas letras, nas ciências e nas actividades económicas" (38).

No começo de 1910 Dom João Crisóstomo, abade coadjutor, voltou para a abadia do Rio de Janeiro e Dom Ruperto Rudolph, monge de Santa Cruz, foi nomeado seu novo prior.

Em 1911 Dom Gerardo van Caloen julgou oportuno dar ao mosteiro abade próprio. Apresentou à Santa Sé o nome de Dom Ruperto Rudolph, monge ilustrado e de grandes virtudes. Ótimo professor de matemática, foi um dos lentes mais estimados do extinto Ginásio de São José. Aceito por Roma o nome indicado, Dom Ruperto recebeu a bênção abacial das mãos de Dom Gerardo van Caloen, abade fundador de Santa Cruz, a 24 de agosto de 1911.

A fim de aumentar a comunidade da sua abadia, Dom Ruperto foi à Europa, em 1912, à procura de vocações, trazendo, ao regressar, três candidatos para monges do coro e outros três para irmãos conversos. No ano seguinte, quatro novos postulantes vieram aumentar o noviciado da abadia. A fim de obter vocações do país, fundou em 1913 uma Escola claustral, para formação literária dos jovens de famílias cearenses que demonstrassem desejo de abraçar a vida monástica. Essa Escola foi extinta em 1915, ao ser transferida para o mosteiro da Bahia a comunidade de Santa Cruz. Apesar da sua existência efêmera, três de seus alunos chegaram a se ordenar: um beneditino e dois padres seculares (39).

(38) Obra cit. pág. 14 e 15.

(39) Dom Francisco Leite (monge beneditino), Pe. José Antonino de Queiroz e Pe. Januário Ribeiro Campos.

No começo de 1915, Dom Gerardo van Caloen, Abade do mosteiro do Rio de Janeiro e Arquibade da Congregação Beneditina Brasileira, após vinte anos de ingentes trabalhos na restauração da vida monástica nos mosteiros do Brasil, achando-se com a saúde abalada e vendo com prazer que essa obra de que fôra encarregado pela Santa Sé se achava realizada apresentou a Roma o pedido de renúncia a ambos os cargos, que foi aceito pelo Papa Bento XV. A chefia da Congregação passou então para o Visitador Apostólico, Dom Lourenço Zeller, abade do Mosteiro de Seckau, na Áustria.

O ano de 1915 foi de pouca chuva ou, melhor, de seca no Nordeste, sobretudo no Ceará, que geralmente é a região mais castigada por esse flagelo. No segundo semestre desse ano veio Dom Lourenço Zeller ao Brasil, para convocar uma Junta Capitular e tomar certas medidas de interesse para a Congregação. Antes porém da reunião dos abades, quis visitar os mosteiros, para se inteirar das necessidades de cada um deles. Visitando a abadia de Santa Cruz ficou impressionado com a pobreza do povo e a carestia de vida que afetava o próprio mosteiro.

Como estivesse desfalcada a comunidade da abadia da cidade do Salvador, por ter o seu abade, Dom Majolo de Caigny, levado parte dela para a fundação que fizera em 1912 na ilha da Trindade, nas Antilhas, e ter ultimamente renunciado ao cargo de abade da Bahia, por tais motivos o Abade Visitador, Dom Lourenço Zeller, determinou, com assentimento dos padres capitulares, a transferência da Comunidade de Santa Cruz com seu abade, Dom Ruperto Rodolph, para o mosteiro da Bahia. Em Santa Cruz ficou apenas um monge sacerdote, para guarda do mosteiro e atender às necessidades espirituais do povo. Finalmente foi a abadia supressa, em fevereiro de 1921, e vendida à Cúria Metropolitana de Fortaleza.

Assim terminou de modo inglório essa Abadia que tantos sacrifícios, para não dizer heroísmo, havia custado aos monges nos primeiros anos da sua fundação (40).

D — COMO A ABADIA DE SANTA CRUZ SE TRANSFORMOU NA ATUAL CASA DE REPOUSO DE SÃO JOSÉ

Achando-se o Sr. Arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes, em visita pastoral à paróquia de Quixadá em 1917, foi à serra do Estêvão e hospedou-se no mosteiro. Eis como o próprio Arcebispo diz lhe ter vindo a idéia de adquirir a Abadia.

“Nunca tinha pensado nisto (na aquisição do mosteiro), quando no ano de 1917 lá estando hospedado por ocasião da visita pastoral à freguezia de Quixadá, à qual aquela capela então pertencia, pois os Beneditinos se tinham de lá retirado

(40) Apesar das dificuldades ocasionadas pelos anos de seca, os monges gostavam imensamente da sua abadia e eram estimadíssimos do povo. Deixaram pois o seu mosteiro e a terra cearense com os olhos em lágrimas e o coração a sangrar.

definitivamente — no momento da consagração, na missa que celebrava para o povo, senti claramente uma voz interior que me dizia comprasse o mosteiro para uma obra futura que ali se deveria fundar... escrevi ao Abade, que estava na Bahia, e algum tempo depois (41) era da Arquidiocese o mosteiro de Santa Cruz" (42).

Adquirido o mosteiro pela Cúria Metropolitana, o Sr. Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes cedeu-o, em usufruto perpétuo, às religiosas Missionárias da Imaculada Conceição, que se haviam estabelecido no Ceará seis anos antes. Instaladas no antigo mosteiro de Santa Cruz, as Irmãs abriram aí a Casa de formação ou Noviciado da Congregação no Brasil e, anos depois, transformaram o antigo "Ginásio de São José", contíguo ao mosteiro, numa Casa de Repouso, sob a proteção de São José. A dificuldade que tinham os monges beneditinos em se comunicar com a cidade de Quixadá por causa do péssimo caminho, sobretudo no trecho serrano, desapareceu com a estrada de rodagem, confortável, feita pelo Departamento de Obras contra as Secas, a qual liga aquela cidade ao antigo mosteiro.

Todos os que têm estado na atual "Casa de Repouso São José" são unânimes em exaltar a amenidade do clima serrano, a quietude do ambiente, o panorama encantador que de lá se descortina, cuja beleza jamais cansa a vista (43).

Na variedade da paisagem, destaca-se ao longe, o grande açude do Cedro, com aspectos semelhantes aos da baía de Guanabara vista das montanhas da Tijuca. Mais além, avista-se a cidade de Quixadá, emoldurada por gigantescos monólitos que, salpicados nos arredores da cidade, se elevam da planície, em formas variadas, como fantásticos castelos de fadas.

As religiosas têm, com o próprio esforço pessoal, desenvolvido a cultura de árvores frutíferas e hortaliças com que, juntamente com a criação de vacas leiteiras, podem ministrar aos hóspedes da "Casa de Repouso" uma "alimentação forte e sã com abundância de verduras, de frutas e de excelente leite" (44).

Ao triste desfecho da Abadia de Santa Cruz da serra do Estêvão, resta-nos ao menos, a nós Beneditinos, a consolação de não ter ela caído em mãos de seculares, mas de ter passado para a Cúria Metropolitana de Fortaleza. Assim estando na posse usufrutuária das Religiosas Missionárias da Imaculada Conceição, continuam do seu recinto a subir aos céus os louvores divinos e a ser exercida na "Casa de Repouso" a caridade cristã pelo conforto espiritual e material que é aí ministrado às pessoas cansadas pela labuta da vida ou de saúde enfraquecida: *In omnibus glorificetur Deus!*

(41) A abadia, como já ficou dito, foi supressa em 1921 e depois vendida à Cúria Arquidiocesana de Fortaleza.

(42) Vide José Bonifácio de Sousa, ob. cit. pág. 35.

(43) "Quem sobe a serra do Estêvão em busca de repouso encontrá-lo-á como função natural de tudo quanto ali existe. Dificilmente se poderá achar outro local onde a salubridade do clima, a quietude do ambiente, a amenidade da paisagem e a natureza das instalações melhor se harmonizem para assegurar a eficácia de estabelecimento daquele gênero". José Bonifácio de Sousa ob. cit. pág. 37.

(44) Idem, pág. 42.